



UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA



Relatório final de estágio realizado na Escola Básica e Secundária Amélia Rey Colaço, com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Orientador: Doutor João Mota Rodrigues.

Júri:

Presidente:

Doutor Marcos Teixeira de Abreu Soares Onofre, professor associado da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa.

Vogais:

Doutor João Filipe da Silva Figueira Martins, professor auxiliar da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa.

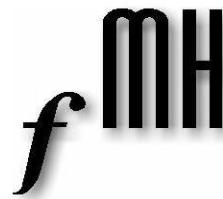
Doutor João Mota Rodrigues, Lecturer na University College Cork, School of Education (Irlanda)

João Carlos de Almeida Moreno

2023



UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA



Relatório final de estágio realizado na Escola Básica e Secundária Amélia Rey Colaço, com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário – Ano letivo 2021/2022.

Este relatório foi elaborado tendo por base a experiência no estágio pedagógico em educação física desenvolvido na Escola Básica e Secundária Amélia Rey Colaço, sob orientação da Mestre Fernanda Santinha e do Doutor João Mota, durante o ano letivo 2021-22.

João Carlos de Almeida Moreno

2023

Agradecimentos

Em primeiro lugar à minha família, em especial aos meus pais e irmão por todo o apoio desde sempre, foram os mais importantes para eu chegar até aqui.

Aos meus colegas de estágio, por toda a partilha de conhecimentos, entreada e boa disposição durante o estágio, essencial para juntos concluirmos esta etapa da melhor forma possível e sempre de sorriso na cara. Um especial agradecimento ao Vyacheslav Shysh "Slavik", por termos feito esta viagem em conjunto desde o primeiro dia do mestrado.

Aos professores da escola Amelia Rey Colaço, por toda partilha e momentos de boa disposição nos intervalos. Em especial ao grupo de educação física que demonstrou ser sempre solidário com os estagiários.

Aos professores orientadores, Fernanda Santinha e João Mota, por toda a ajuda e confiança no meu trabalho neste processo de estágio.

Ao professor Pedro Lopes do núcleo de desporto escolar, por toda a confiança e aprendizagem ao longo do ano. Foi uma experiência incrível.

Aos meus alunos do 9º ano, que me receberam muito bem, pela boa energia, boa disposição com que participaram nas aulas e pela cumplicidade criada. Tenho um grande carinho por eles.

Aos meus amigos, que sempre me incentivaram neste período, pela compreensão da minha maior ausência, e pelo apoio constante.

Resumo

O presente documento que pretende ser apresentado sobre a forma de relatório final de estágio, pretende apresentar todo o trabalho desenvolvido no meu processo de estágio pedagógico referente ao Mestrado do Ensino da educação Física no Ensino Básico e Secundário da Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa. Este foi realizado na escola Amélia Rey Colaço, situada em Linda-a-Velha, com uma turma do 9º ano.

Este relatório descreve todo o trabalho desenvolvido no processo de estágio, apresentando todos os diversos temas exigidos no guia de estágio. Em cada área surge a descrição do trabalho, bem como a reflexão que foi sendo realizada, criando assim juízos de valor sobre o meu trabalho, perspetivando áreas em que obtive sucesso e outras em que devo procurar desenvolver com mais profundidade.

Este relatório será dividido por 6 áreas, sendo elas a introdução, contextualização, ser professor, o professor para lá da educação física, o professor ativo na escola e uma conclusão. Com esta divisão por áreas o leitor poderá perceber o trabalho de um professor de educação física, bem como perceber os problemas e dilemas que cada área apresenta.

Palavras chave: Educação física; estágio; professor; ensino-aprendizagem; reflexão crítica; formação profissional; escola pública; ensino; estágio pedagógico; identidade profissional.

Abstract

This document, which is intended to be presented in the form of a final placement report, aims to present all the work developed during the placement process as part of the Master's Degree in Teaching Physical Education in Basic and Secondary Education at the Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa. This was held at the Amélia Rey Colaço school, located in Linda-a-Velha, with a 9th-grade class.

This report describes all the work developed in the placement process, presenting all the different topics required in the placement handbook. Within each area, the relevant work undertaken is described, along with reflections centred on value judgments about my work—highlighting areas in which I was successful and others in which I should seek to develop.

This report will be divided into 6 areas, namely: the introduction, contextualization, being a teacher, the teacher beyond physical education, the active teacher at school, and a conclusion. With this division by areas, the reader will be able to understand the work of a physical education teacher, as well as to understand the problems and dilemmas that each area presents.

Keywords: Physical education; internship; teacher; teaching-learning; critical reflection; vocational training; public school; learning; pedagogical internship; professional identity.

Lista de abreviaturas

A – Avançado

AECS – Atividades de enriquecimento curricular

AI – Avaliação inicial

E – Elementar

EBJGZ – Escola Básica João Gonçalves Zarco

EBSARC – Escola básica e secundária Amélia Rey Colaço

EF – Educação Física

FMH – Faculdade de Motricidade Humana

GE – Grupo de estágio

GEF – Grupo de educação física.

I – Introdutório

IMC – Índice de massa corporal

JDC – Jogos desportivos coletivos

NI – Não introdutório

PI – Parte do introdutório

PIF – Plano individual de formação

PNEF – Plano Nacional de Educação Física

SPSS - software Statistical Package for the Social Sciences

UAARE – Unidade de apoio ao alto rendimento na escola

UE – Unidade de ensino

UEE – Unidade de ensino estruturado

Índice de tabelas

| | |
|--|----|
| Tabela 1:Resultados avaliação inicial | 18 |
| Tabela 2:Distribuição de matérias por espaços | 23 |
| Tabela 3:Comparação prognóstico vs resultado final | 27 |
| Tabela 4:Avaliação global de competências no DE | 37 |

Índice de Figuras

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Imagem da grelha de registo das competências dos alunos..... | 15 |
| Figura 2 - Imagem da grelha de registo de competências na avaliação inicial..... | 16 |

Índice

| | |
|--|----|
| 1. Introdução..... | 9 |
| 2. Contextualização | 10 |
| 2.1 Recursos Materiais..... | 11 |
| 2.2 Grupo de educação física..... | 11 |
| 2.3 Grupo de estágio..... | 11 |
| 2.4 Início do processo de estágio – casa de partida | 12 |
| 2.5 A turma – o núcleo | 13 |
| 3. Ser professor – uma aventura..... | 14 |
| 3.1 O primeiro impacto – Avaliação inicial | 14 |
| 3.1.1 Protocolo de avaliação inicial..... | 15 |
| 3.1.2 Realização da avaliação inicial | 17 |
| 3.2 O planeamento, a avaliação e a condução das aulas..... | 18 |
| 3.3 O valor das autoscopias e observação de aulas..... | 25 |
| 3.4 Reflexão do trabalho com a turma– uma aventura cheia de aprendizagens..... | 26 |
| 4. Para lá da educação física – A experiência..... | 31 |
| 4.1 A educação física do 1º ciclo ao ensino secundário | 32 |
| 4.2 Desporto Escolar..... | 33 |
| 4.3 Direção de turma..... | 39 |
| 5. Professor ativo na escola – a oportunidade | 43 |
| 5.1 Unidade de apoio ao alto rendimento na escola (UAARE) | 43 |
| 5.2 O professor, a ciência e a escola | 44 |
| 5.3 O dia das modalidades na escola..... | 45 |
| 5.4 Atividades extra..... | 47 |
| 6. Conclusão..... | 48 |
| 7. Referências Bibliográficas..... | 51 |

1. Introdução

O presente relatório surge com a intenção de descrever o trabalho realizado no estágio pedagógico referente ao Mestrado em ensino de educação física no ensino básico e secundário da Faculdade de Motricidade Humana (FMH) da Universidade de Lisboa.

Este estágio foi realizado na Escola Básica e Secundária Amélia Rey Colaço (EBSARC) em Linda-a-Velha, na qual foi-me atribuída uma turma de 9º ano durante o ano letivo de 2021/2022.

O estágio pedagógico tem como documento orientador o guia de estágio deste mestrado. Neste documento são estabelecidas as orientações para o trabalho a desenvolver durante este período, as mesmas estão divididas em 4 grandes áreas sendo elas a: Área 1 – Organização e gestão do ensino e da aprendizagem; Área 2 – Inovação e investigação pedagógica; Área 3 – Participação na escola; Área 4 - Relação com a comunidade.

Este relatório está dividido por 6 áreas, organizadas tematicamente por aquilo que me pareceu serem as diversas funções de um professor de educação física. A estrutura do relatório divide-se assim pela introdução, contextualização, ser professor, o professor para lá da educação física, o professor ativo na escola e uma conclusão.

A introdução e contextualização não abordam o trabalho realizado, mas pretendem enquadrar o leitor no espaço e tempo onde decorreu este estágio pedagógico.

O tópico que aborda o ser professor, é uma descrição e reflexão sobre o trabalho realizado com a minha turma de estágio, desde o planeamento, avaliação e condução das aulas.

Na área intitulada de o professor para lá da educação física, tem como objetivo desenvolver o trabalho que os professores enquanto profissionais realizam para lá do que são as suas aulas. Esta área descreve e reflete sobre o acompanhamento ao diretor de turma e o trabalho no desporto escolar.

No capítulo o professor ativo na escola, este visa apresentar o trabalho desenvolvido na área científica, pertencente à área 2 do guia de estágio, a unidade de apoio ao alto rendimento, as atividades extra e a atividade desenvolvida pelo grupo de estágio na escola.

Em resumo este relatório resume em trabalho escrito tudo aquilo que foi um ano letivo de estágio pedagógico, permitindo ao leitor acompanhar o desenrolar do meu

processo de estágio e perceber e compreender todos os desafios que me surgiram durante esta etapa da minha formação, podendo assim observar de que modo o trabalho foi desenvolvido, que reflexões e conclusões foram surgindo e de que forma cada área teve um peso e importância na minha formação como professor de educação física.

2. Contextualização

A escola é em si um lugar privilegiado para o professor, muito por culpa da oportunidade de experienciar as diferentes dimensões da profissão e a necessária socialização com os agentes que nela existem (Seabra et al., 2016).

A escola Básica e Secundária Amélia Rey Colaço localiza-se no concelho de Oeiras, mais precisamente na zona do Alto de Santa Catarina, Linda-a-Velha. Pertence ao agrupamento de escolas de Santa Catarina e serve esta de escola sede de agrupamento, tendo agregadas a si outras 5 escolas, sendo elas: Escola Básica João Gonçalves Zarco – Algés; Escola Básica D. Pedro V – Linda-a-Velha; Escola Básica Armando Guerreiro – Linda-a-Velha; Jardim de infância José Martins – Linda-a-Velha; Jardim de Infância Roberto Ivens – Cruz Quebrada.

Na sua estrutura organizacional a escola tem a direção, que é auxiliada pelos coordenadores de escolas ou estabelecimentos, sendo composta por um conselho geral e por uma estrutura de coordenadores dos diferentes departamentos.

Para além de conter um regulamento interno, a escola tem um projeto educativo onde reforça a sua missão, afirmando que a prioridade centra-se no aluno enquanto pessoa, irreduzível a números, que se encontra num processo de autoconstrução da sua identidade e da sua personalidade e que tem de aceder a um mercado de trabalho onde a competência, a aprendizagem ao longo da vida, o respeito pela diferença e a capacidade de liderança são em grande medida promotores de sucesso. Passando a missão por contribuir para a formação integral e sólida do jovem, quer ele se sinta motivado para a via académica ou para a profissionalizante, tendo em consideração as suas especificidades, potencialidades e interesses, reconhecendo os valores do trabalho e do rigor, aliados a um forte sentido de responsabilidade individual, social e ambiental. (Agrupamento de Escolas Santa Catarina, 2022, p.3)

O agrupamento beneficia ainda de um serviço de psicologia e orientação, que tem como finalidade auxiliar os alunos em 3 áreas: apoio psicológico e psicopedagógico a alunos e professores, apoio ao desenvolvimento de sistemas de relações da comunidade

educativa. Beneficia também de um serviço de educação especial, que visa apoiar alunos com necessidades especiais e da Unidade de ensino estruturado (UEE).

A escola encontra-se situada numa zona socioeconómica de classe média e recebe alunos de várias zonas, sendo maioritariamente de Linda-a-Velha, Algés e Cruz Quebrada/Dafundo.

2.1 Recursos Materiais

A escola apresenta muito boas condições para a disciplina de educação física. Dispõe de um pavilhão, de grandes dimensões, que nele engloba: 1 campo de futsal e andebol, 3 campos laterais de basquetebol e campo oficial, 4 cestos de corfebol, 3 campos de voleibol e uma sala de apoio equipada com colchões. Tem também os seguintes materiais: uma trave olímpica, barra fixa, 2 mini trampolins, 2 boques, 1 plinto, colchões etc.

A escola conta ainda com dois espaços exteriores, sendo um deles um campo de futsal/andebol e que conta também com dois campos de basquetebol, uma pista de salto em comprimento. O outro espaço conta com 2 campos de basquetebol e três campos de voleibol.

Assim estes 3 espaços foram os que contaram para a rotação dos espaços de aula definido pelo GEF.

2.2 Grupo de educação física

O grupo de educação física (GEF) era composto por 8 professores, sendo 4 deles dedicados ao ensino secundário e outros 4 dedicados ao 3º ciclo. Os professores do ensino secundário eram professores já com anos dedicados a esta escola, enquanto os professores do 3º ciclo eram na sua maioria novos na escola. Este grupo de professores sempre se demonstrou disponível para ajudar os estagiários, quer em debate de ideias e conceitos de aula, como em mostrarem-se sempre disponíveis para que os estagiários pudessem observar as suas aulas, o que criou sempre um clima positivo, de entreajuda e companheirismo que permitiu a nós estagiários sentirmo-nos integrados e sempre em constante aprendizagem. Ali não éramos estagiários, éramos professores! E isso foi muito positivo.

2.3 Grupo de estágio

Os professores devem conhecer e viver o valor da experiência autêntica em aprender e ensinar, é por isso necessário que os mesmos tenham a oportunidade de partilhar ideias, analisar e refletir sobre os problemas pedagógicos que surjam,

aproveitando os professores orientadores para uma partilha de experiências de ensino, trazendo à deriva as teorias que suportam as ações (Tsangaridou & O' Sullivan., 2003)

O grupo de estágio (GE) era composto por 4 elementos, sendo eu um deles. Cada um ficou responsável por uma turma, sendo que todos ficamos responsáveis por turmas do 9º ano. Dentro do núcleo de estágio 2 dos meus colegas, vinham comigo da minha turma do 1º ano, e um deles vinha de outra turma, onde o contacto que tivemos foi meramente residual, sobretudo porque no primeiro ano de mestrado estivemos praticamente o tempo todo em ensino à distancia. A dinâmica do grupo sempre foi muito positiva, onde a partilha de ideias e conhecimentos foi constante. No fundo era como se fôssemos professores das 4 turmas, o que tornou a experiência do estágio francamente mais enriquecedora. Assistíamos às aulas todos uns dos outros, debatíamos constantemente o planeamento uns dos outros, a condução das aulas, o efeito que tinha na prática e formas de potenciar o processo de ensino-aprendizagem. Assim é justo dizer que esta constante observação, discussão e partilha nos tornou ao longo do ano letivo melhores professores.

A professora orientadora, que também pertence a este grupo de estágio, também sempre contribuiu para esta dinâmica, permitindo sempre a intervenção, ajudando na reflexão e discussão, permitindo sempre a liberdade do erro, para que dessa forma pudessemos ganhar a experiência de passarmos pelos diversos momentos ricos em aprendizagem. Foi sempre uma orientadora que nos deixou confortáveis para que pudessemos dar o melhor de nós, que confiou no nosso trabalho, sobretudo com o passar do tempo e tudo isso deu uma alavanca de confiança, que se mostrou determinante durante o processo de estágio.

2.4 Início do processo de estágio – casa de partida

O primeiro momento de estágio que tive foi uma reunião por meio de uma plataforma digital em agosto, onde ficámos a conhecer a professora orientadora e onde ficou logo definido a data de apresentação na escola, bem como dos primeiros documentos a tratar. Depois, reunimos no dia 1 de setembro na escola, onde ficámos a conhecer-nos pessoalmente, a conhecer a escola e os seus espaços e onde definimos as primeiras tarefas de estágio. A seguir a esse momento seguiram-se reuniões com o grupo de educação física, reuniões de diretores de turma. No GEF, a reunião serviu para analisar os documentos pertencentes a este departamento, como os critérios de avaliação, regulamento de educação física, orientações e normas covid-19. Na reunião de diretores de turma foram definidas algumas orientações que dizem respeito ao trabalho dos diretores

de turma, bem como mensagens de funcionamento da escola, que os mesmos deveriam passar para os professores da sua turma.

Estar presente nestas reuniões foi muito positivo para mim, pois pude perceber toda uma dinâmica que desconhecia até aqui. Foi muito interessante perceber que o diretor de turma tem um papel muito relevante junto dos outros professores, bem como o facto de terem um conjunto de tarefas burocráticas que desconhecia, as quais falarei mais à frente neste documento. Quanto às reuniões do grupo de educação física, foi muito importante, pois foi o momento onde nos apresentamos aos colegas e conhecemos os mesmos. Pudemos perceber toda a dinâmica das aulas de educação física nesta escola, bem como ficar esclarecidos sobre todas as orientações que necessitávamos. Pessoalmente não sou uma pessoa de reuniões, mas devo confessar que estas tiveram uma extrema importância naquilo que seria o meu, e dos meus colegas, processo de início de estágio.

Importa referir que foram também nessas reuniões que a professora orientadora facultou-nos o plano atual de avaliação inicial, para trabalharmos nele logo a partir desse momento.

Assim, as reuniões que se seguiram foram entre o GE, onde começámos a debater a avaliação inicial (AI), que será também analisada mais à frente no documento.

2.5 A turma – o núcleo

Fiquei responsável por uma turma do 9º ano. Inicialmente avisaram-me que seria uma turma bastante complicada, já com um histórico não muito positivo na escola, com muitos alunos repetentes e com uma série de casos já registados. O 1º contacto que tive com eles foi no dia de apresentação, onde juntamente com a diretora de turma, pudemos receber os alunos em sala de aula. Aí tive o primeiro choque de realidade, onde rapidamente percebi que não seria uma turma fácil. No entanto, só tenho coisas boas a dizer da turma, e hoje posso afirmar com toda a certeza que não trocaria a experiência de estágio com esta turma, por outra. Primeiro porque essa mesma irreverência da turma permitiu-me sempre crescer e adaptar, depois porque sempre me respeitaram, criando-se uma cumplicidade na relação professor-aluno que só posso descrever como muito positiva.

Inicialmente a turma era composta por 26 alunos, mas dois deles deixaram de pertencer à mesma, tendo um mudado de escola e outro mudado de turma. Por outro lado, recebemos uma aluna vinda de outra turma da escola. Assim a turma ficou composta por 12 rapazes e 13 raparigas, com idades compreendidas entre os 13 anos e os 17 anos e com uma média de idades de 15 anos.

3. Ser professor – uma aventura

Devo começar por dizer que ser professor de educação física sempre foi uma ambição pessoal. Desde muito novo que quis fazer do desporto a minha forma de viver, rapidamente percebi que não seria pela prática do mesmo, por isso uma das alternativas que tinha seria pelo meio do ensino. Confesso que a certa altura da minha adolescência dava-me muito mais gozo o ensino que propriamente a prática, sentia-me mais capaz e mais perto do sucesso, fosse o que isso fosse. Talvez por isso que ainda muito novo comecei como treinador de escalões jovens no meu clube e até tive algum sucesso. Foi a partir desse momento, que tive a certeza que queria fazer da minha profissão o ensino de todos os desportos, a educação física.

É certo que, quando somos muito jovens, só pensamos no momento em que estamos nesse papel, não pensamos no caminho que temos de percorrer até aí, dos desafios e obstáculos que vamos encontrar e muito menos de que quando chegar o momento da 1ª aula, nada do que tínhamos imaginado é real, há todo um conjunto de questões, dilemas e preocupações para as quais não se pensa quando idealizamos a nossa profissão de sonho.

No momento que entrei na escola EBSARC pela primeira vez, como professor, foi um momento em que me senti muito bem, mas imediatamente assim que temos as primeiras interações, começam a surgir todas essas questões que nunca pensamos. Acredito que isso não seja mau, seja apenas vontade de fazer bem. Mas foi assim que tudo começou para mim, e a primeira grande preocupação foi a avaliação inicial e de que forma poderia realizá-la o melhor possível.

3.1 O primeiro impacto – Avaliação inicial

O ato de avaliar por si só aparenta um grau de grande complexidade, atribuir um valor a algo pode nem sempre ser uma ciência exata, dependendo muito de quem avalia, e do que definiu como sendo prioritário para essa avaliação.

A minha experiência com momentos de avaliação nem sempre foi boa, sempre senti como algo muito frio e autoritário e por isso era algo que não me dava muito prazer de fazer. Por todos estes fatores o ato de eu ter de avaliar competências e conhecimentos a outros, era algo que me impunha respeito, que me criava alguma tensão por receio de ser injusto. No entanto é algo essencial nesta profissão e restava-me fazer, adaptar e procurar que os momentos de avaliação em educação física fossem algo que envolvesse todos os intervenientes na mesma. O avaliar na Educação Física apresenta desafios, contudo, é preciso refletir sobre a importância dessa ação no decorrer do processo de ensino-

passada e em suspensão e desmarcação ofensiva; no voleibol optou-se por passe e jogo 2+2; no andebol foi o drible/remate e a desmarcação ofensiva; no futebol os critérios escolhidos foram passe/recepção, condução/remate e desmarcação ofensiva; na ginástica de solo foram selecionados como critérios de aferição o rolamento à frente e atrás pernas juntas e encolhidas e a roda; na ginástica de aparelhos definiu-se no mínimo um critério para cada aparelho, sendo que na trave avaliei a marcha à frente e atrás e a meia volta com balanço de perna, na barra fixa foi o rolamento à frente, no mini trampolim foi o salto ao eixo, e por fim o rolamento no plinto; no atletismo os critérios foram a corrida de obstáculos, lançamento do peso e no salto em altura a técnica de tesoura; no badminton foi o lob do lado direito e esquerdo e ainda os deslocamentos no campo; na patinagem, o arranque, o deslize e a técnica do “oitó”; na dança optou-se por se avaliar só uma das quatro definidas pelo GEF, sendo que escolhi o merengue, tendo como foco o ritmo, coordenação e coreografia; e na orientação, a capacidade de localização no mapa e no espaço.

3.1.2 Realização da avaliação inicial

O processo de avaliação inicial rapidamente se demonstrou complexo, com muita informação para recolher e muitos alunos para avaliar em pouco tempo. Depressa se percebeu, que teriam de ser usadas estratégias de observação, por isso naquilo que foi os jogos desportivos coletivos (JDC), decidiu-se realizar exercícios critérios onde fosse possível rapidamente observar e avaliar os alunos de forma a compreender o seu nível. Por outro lado, nas ginásticas optou-se por realizar um percurso com o que era necessário observar e avaliar, estratégia igual no atletismo. No badminton realizaram-se jogos em campo reduzido de 1x1, na dança, passámos pelo ensino da coreografia e avaliamos a atuação dos alunos e por fim na orientação, os alunos puderam realizar uma prova simples, onde só teriam de encontrar os pontos necessários, provando assim dominar os skills definidos como critério de êxito para a avaliação inicial. Sendo este um processo importante para o planeamento futuro, o GE decidiu que quando observámos as aulas dos colegas, estaríamos também a recolher informação em forma de avaliação, podendo assim não só treinar o processo de observação e recolha de dados, bem como podíamos posteriormente discutir entre nós esses mesmos dados de forma a aferir se estaríamos mesmo a recolher com máxima precisão a informação necessária, bem como detetar possíveis lacunas neste processo. Esta experiência foi muito significativa no meu desenvolvimento enquanto professor, e foi uma amostra em como estamos sempre em desenvolvimento enquanto profissionais.

A recolha de informação da avaliação inicial apresentou os seguintes resultados:

Tabela 1: Resultados avaliação inicial

| Matérias | Níveis | | |
|---------------------|------------------|-----------------------|--------------|
| | Não introdutório | Parte do introdutório | Introdutório |
| Voleibol | 8 | 3 | 12 |
| Basquetebol | 8 | 6 | 9 |
| Futebol | 3 | 6 | 14 |
| Andebol | 5 | 2 | 16 |
| Ginástica Solo | 5 | 6 | 12 |
| Ginástica Aparelhos | 11 | 0 | 12 |
| Dança | 2 | 1 | 20 |
| Atletismo | 2 | 12 | 9 |
| Orientação | 0 | 3 | 20 |
| Patinagem | 7 | 9 | 7 |
| Badminton | 3 | 5 | 15 |

3.2 O planeamento, a avaliação e a condução das aulas

Para um trabalho que dá primazia a uma avaliação contínua e formativa, o processo da avaliação inicial mostra-se decisivo como suporte orientador ao trabalho de planeamento dos professores (Fernandes & Fialho, 2011). Assim, após a realização da avaliação inicial, o GE reuniu com a orientadora de estágio para refletir sobre várias estratégias que poderíamos usar na elaboração do planeamento da 2ª etapa, tendo como ponto de partida os resultados da AI. É neste momento, que com a minha inexperiência, encontrava imensas possibilidades de planeamento, havendo vários caminhos, e onde todas essas possibilidades eram apelativas e pareciam as mais acertadas, mas devido a essa inexperiência nem todos esses caminhos eram os mais acertados, hoje reconheço isso. Assim optámos, GE, por concordar com a sugestão da orientadora, que com os seus argumentos mostrou-nos qual seria o melhor caminho. Ficou então definido que optaríamos por planear, tendo como objetivo que no fim do ano, todos os alunos conseguissem ter no mínimo o introdutório nas matérias que os critérios de avaliação considerassem prioritários para passar à disciplina.

Os critérios de avaliação que o GEF da EBSARC para o 9º ano, são que será necessário que um aluno obtenha dois JDC no nível Introdutório, uma ginástica com o nível I, toda a dança, patinagem e 2 outras matérias e um nível elementar (E) à escolha. Não esquecendo os conhecimentos com um mínimo de 50 valores (em 100) e a aptidão física.

Após uma análise da tabela1 podemos então dividir as matérias por categorias, sendo que nos jogos desportivos coletivos encontramos vários dados que foram

merecedores de análise. Escolheu-se como matéria prioritária nesta categoria o Andebol e o basquetebol. O andebol em virtude de já ter muitos alunos com nível I torna possível aos outros sete alunos o seu desenvolvimento de forma a atingirem o nível I, ao contrário do futebol, que seriam 9 alunos sem o nível desejado. O caso do basquetebol foi o mais discutido, inclusive com a orientadora de estágio, mas optou-se por decidir como matéria prioritária porque tinha 6 alunos com parte do introdutório (PI), o que significa que estavam muito perto de atingir o nível I, o que nos dará 15 alunos com I, aproveitando o facto de eu ser treinador de basquetebol e por isso considerar que seria uma mais-valia para os alunos no que à aprendizagem diz respeito.

Na categoria da ginástica os cálculos foram mais simples, tendo ambos 12 alunos com nível I, o critério de desempate foi os alunos PI, e por isso a ginástica de solo foi escolhida como prioritária.

No caso da dança, não se considerou prioritária devido aos resultados obtidos, já no caso das outras matérias considerou-se como prioritário o atletismo e o badminton. O atletismo porque tem 12 alunos no nível PI e o badminton porque tem apenas 8 alunos que não estão no nível I.

Após este trabalho de análise, reflexão e definição de estratégia onde escolhemos as matérias prioritárias, passou-se à elaboração do plano anual e especificamente da 2ª etapa, que contemplava duas unidades de ensino (UE).

A 1ª UE teve como objetivo abordar somente as matérias prioritárias, permitindo assim, desde cedo começar a trabalhar naquilo que foi definido como o mais importante a ensinar aos alunos. Nesta UE, foram lecionadas 9 aulas e 5 matérias. A rotação dos espaços foi tida em conta, deixando o pavilhão só para badminton e ginástica e aproveitando o espaço exterior para lecionar o basquetebol, andebol e atletismo.

A 1ª UE no geral correu bem, embora fosse um grande desafio para mim. A escolha das matérias acabou por ser uma decisão fácil de tomar, tendo em conta o que ficou definido que seriam as matérias prioritárias. Por uma questão de organização e rotação dos espaços, acabou como coincidência que cada espaço tivesse 3 aulas previstas, por isso nessas 3 aulas foi abordado o mesmo esquema de aula.

Na 2ª UE foram abordadas as matérias de Voleibol; ginástica de aparelhos; Patinagem; Futebol; Andebol; Dança. A escolha destas matérias deveu-se sobretudo ao facto de ainda não terem sido lecionadas desde a avaliação inicial, e por isso considerou-se importante os alunos voltarem a ter o contacto com as mesmas, exceção feita ao

andebol que por uma questão de aproveitamento do espaço optou-se por continuar a lecionar. Foi também nesta UE que se realizou o 1º teste escrito.

A 2ª segunda etapa, foi uma etapa de recuperação e aprendizagem de conteúdos e teve a duração de 7 semanas. A maior dificuldade sentida foi a de fazer os alunos compreenderem a dinâmica das unidades de ensino, visto que acabaram por ficar aborrecidos pelo facto das aulas serem praticamente iguais. A exemplo disso, este excerto das autoscopias de uma aula desta UE dizia “(...) houve grande aprendizagem apesar da fadiga dos alunos em repetir a aula 3 vezes (...)”. Este feedback dos alunos foi muito interessante para o meu desenvolvimento enquanto professor, pois obrigou-me a refletir de que forma poderia tornar as aulas menos semelhantes, sem mesmo assim, retirar aquilo que é a aprendizagem fundamental definida como objetivo. Durante este período houve alguns constrangimentos com os quais tive de me adaptar, como por exemplo devido às condições atmosféricas, algo que me fez não só recorrer ao plano alternativo, como dar muito mais importância ao mesmo, na elaboração dos planeamentos. Isto também me fez ver que um professor de educação física, deve estar preparado com plano A, B ou C e ter a capacidade de adaptar-se a todos os constrangimentos que possam surgir durante a sua atividade, de forma a não fugir aos seus objetivos, deve tentar planejar todos os cenários possíveis, algo que a experiência da prática é certamente uma enorme mais-valia para o professor.

Ao nível da aprendizagem, esta etapa foi muito produtiva. Os alunos demonstraram melhorias em várias competências. No andebol foi notório a diferença nos alunos, que até para receber e passar a bola e até armar o remate tinham dificuldades, e que nesta etapa ficaram muito mais perto de uma execução ideal. No basquetebol, não foi possível desenvolver como era pretendido porque acabou por ser prejudicado pelos constrangimentos acima referidos, no entanto, foi possível explicar os critérios-chave da técnica da entrada na passada. O atletismo foi uma matéria onde os alunos demonstraram facilidade de aprendizagem. Na ginástica de solo houve melhorias, mas ainda não significativas o suficiente para estarem perto de atingir o nível introdutório, bem como na ginástica de aparelhos. No voleibol, os alunos sentiram-se mais à vontade com a matéria, ainda que tivessem algumas dificuldades na realização das técnicas básicas do jogo. Na patinagem, foi onde a evolução foi menor, ou seja, quem tinha muitas dificuldades em andar de patins, continuou a ter, muito devido ao medo, que foi um fator que me levou a refletir muito, pois é algo muito intrínseco, mas era necessário encontrar estratégias que combatessem este fator visto que as utilizadas até então, consistiam no trabalho por

circuitos com obstáculos e suportados pelo auxílio dos colegas, não estavam a funcionar. No badminton, toda a turma evoluiu bem.

As reflexões das aulas, traduzidas em forma de autoscopia, demonstraram ser muito importantes, ajudando a perceber os problemas existentes e a procurar soluções que ajudassem a atingir os objetivos. Durante essas reflexões, surgiu a ideia de tornar as aulas diferentes e mais motivantes, sobretudo nas matérias em que os alunos tinham mais dificuldades, para isso surgiram várias ideias, tal como promover uma aprendizagem mais autónoma. Uma dessas ideias foi a de envolver os alunos no processo de aprendizagem na matéria de ginástica. Assim, os alunos teriam liberdade de selecionar que conteúdo que queriam trabalhar e dessa forma perceberem as suas dificuldades, e assim deixá-los trabalhar com a motivação de se superarem. Por outro lado, e como é objetivo que todos os alunos atinjam o nível I das matérias, foi então possível que nos conteúdos que eles já dominam, não tenham de os repetir e possam rentabilizar o seu tempo naquilo que ainda não dominam, sendo que os alunos que já completaram o nível I podiam avançar para o nível E. No caso dos desportos coletivos, essa estratégia teve de ser enquadrada de outra maneira, onde por exemplo na patinagem, quem tem de atingir o nível I deverá continuar nesse processo de aprendizagem, ficando a desenvolver essas competências, no entanto quem já o atingiu pôde jogar hóquei em patins, para assim de forma divertida e motivante estarem a desenvolver outras competências da patinagem.

E foi com base nesta reflexão que surgiu o planeamento da 3ª etapa. Devo confessar que estava muito entusiasmado com esta etapa e com esta abordagem que iria ser proposta aos alunos.

A 3ª etapa foi então uma etapa de aprendizagem e desenvolvimento, teve a duração de 8 semanas de aulas sendo divididas por outras duas UE, que correspondiam à 3ª e 4ª UE do planeamento anual. As matérias que foram selecionadas para esta etapa foram o basquetebol, voleibol, andebol, futebol, atletismo, ginástica de solo e de aparelhos, badminton e dança. As aulas funcionaram sempre em regime politemática

Esta etapa tinha como objetivo a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos, sendo que eu tinha uma grande expectativa neste período de desenvolvimento. Foi criado um plano de aprendizagem diferente, derivado às várias reflexões da etapa anterior. Os alunos tinham total acesso à sua avaliação contínua, ou seja, em todas as aulas e em qualquer momento da mesma, podiam consultar a folha de registo da avaliação contínua, e assim sabiam aquilo que já dominavam na avaliação e aquilo que ainda não conseguiam realizar, podendo assim focar o seu desenvolvimento nesses aspetos.

Na 3ª UE foram abordadas as matérias (Basquetebol, andebol, ginástica de solo, futebol e badminton), na qual foram lecionadas 7 aulas e 6 matérias. A rotação dos espaços foi tida em conta, deixando o pavilhão só para badminton e ginástica e aproveitando o espaço exterior para lecionar o basquetebol, andebol e futebol e voleibol. Foi objetivo que os alunos reforçassem as aprendizagens essenciais para o domínio do nível I de cada uma destas matérias. No caso do futebol era crítico que todos os alunos dominassem o passe, receção e desmarcação no final desta UE, bem como no basquetebol a entrada na passada, no voleibol o toque de dedos e que consigam criar situações de troca de passes, no andebol era essencial que conseguissem a capacidade de passar, desmarcar e rematar a um alvo. Na ginástica todos deviam estar o mais perto possível de concluir o nível I, já no badminton, que conseguissem executar situações de jogo 1x1 com alguma qualidade técnica.

Para a formação dos grupos, experimentei que fossem os alunos a escolher os grupos de trabalho (divididos por 3 grupos), com o objetivo de perceber se trabalhariam com mais entusiasmo, admitindo a existência de um desequilíbrio de nível nos grupos. Na verdade, esta opção foi muito interessante do ponto de vista da aprendizagem, porque permitiu aos alunos com menores capacidades participar de forma mais ativa nas sessões de aula, isto porque eram estimulados pelos colegas, que na sua maioria eram pessoas com quem se relacionavam melhor. Ficou assim, uma indicação de como posso estimular os alunos menos desenvolvidos em cada matéria. O comportamento da turma tornou-se muito mais positivo, tendo ainda uma aluna com alguns comportamentos desafiantes, mas que com esta nova disposição dos grupos minimizou esses mesmos comportamentos.

Na 4ª UE foram abordadas as matérias de Voleibol; ginástica de aparelhos; ginástica de solo; badminton; dança; futebol; basquetebol e atletismo. A escolha destas matérias voltou a debruçar-se na necessidade de os alunos atingirem o nível I nestas matérias (as mesmas envolvem as 4 áreas necessárias para concluir a disciplina com sucesso), exceção feita ao andebol que foi até ao momento a matéria mais abordada e por consequência a que senti mais evolução dos alunos.

Esta etapa de ensino foi bastante produtiva, tendo os alunos cumprido os objetivos de desenvolvimento e aprendizagem. Importa dizer que esta etapa também teve os seus contratempos e imprevistos, no entanto eu já estava mais preparado com os planos alternativos. As estratégias utilizadas funcionaram bastante bem, tendo sido uma mais-valia na motivação dos alunos na prática e na aprendizagem, facilitando o papel do professor no ensino e permitindo aos alunos ter uma noção clara dos critérios de avaliação

e das suas necessidades de aprendizagem. A exemplo disso este excerto das autoscopias de uma aula desta etapa referia “(...) A aula decorreu num clima bastante positivo. Os alunos mesmo num registo mais descontraído, trabalharam, procuraram informar-se e realizar as tarefas (...)”.

A 4ª etapa teve como objetivo principal a revisão e consolidação dos conteúdos dados ao longo do ano letivo. No entanto, teve também, outros objetivos de grande importância, como a de formalizar a avaliação sumativa que por consequência originará a classificação final.

Ficou definido como prioritário no início desta etapa, que se voltasse a aferir o nível dos alunos nas diferentes matérias de forma a que seja possível perceber quais os alunos realmente em risco de não conseguir a nota positiva, mas também de dar uma oportunidade aos alunos de trabalharem para a nota que queriam, se ainda lhes fosse possível alcançar a mesma. Esta etapa revelou-se também de uma grande importância para o professor porque tinha de ajustar a última unidade de ensino do ano letivo de forma a ser capaz de suprimir todas as necessidades dos alunos.

Assim, nesta etapa não existiram matérias prioritárias. A prioridade foi permitir aos alunos a consolidação de todas as matérias, de modo a que consigam no mínimo atingir a nota positiva, ou num melhor cenário a possibilidade de subirem a nota.

Para este efeito foram definidas as matérias a abordar por espaços nas 2 unidades de ensino que estavam reservadas para esta etapa, sendo elas:

Tabela 2: Distribuição de matérias por espaços

| Total UE | UE 4ª etapa | Pavilhão | Exterior 1 | Exterior 2 |
|----------|-------------|---|---|------------------------------------|
| 5ª EU | 1ª UE | Ginástica de solo Ginástica de aparelhos Patinagem | Basquetebol Andebol Futebol Atletismo | Dança Voleibol |
| 6ª EU | 2ª UE | Ginástica de solo Ginástica de aparelhos Patinagem Badminton | Basquetebol Andebol Futebol Atletismo Condição física | Dança Voleibol Teste escrito |

Todos os alunos passaram por todas as matérias, sendo que os grupos foram homogéneos por grupos de nível. É importante explicar algumas dinâmicas que foram

definidas para esta etapa tendo em conta que foi a última e que tinha uma condicionante diferente como era o caso da avaliação sumativa. Assim sendo, começo por explicar que nas matérias de ginástica foi usada a estratégia que resultou na última etapa, sendo essa a de dar mais autonomia aos alunos na seleção dos conteúdos a trabalhar nessa aula, seguindo o único critério de trabalhar um exercício que ainda não tivessem conseguido realizar. Desta forma os alunos sabiam através da ficha formativa os exercícios que ainda lhes faltavam para atingir o nível I e poderem focar-se só nessa tarefa.

No caso dos alunos que já tivessem atingido os níveis I, poderiam optar por trabalhar o nível E, não tendo sido essa minha a prioridade, por querer dar mais atenção a quem necessitava do nível I, ou então de seguir para uma estação e matéria da aula que necessitem de trabalhar mais.

Na patinagem foi abordado todo o nível I, sendo que no grupo dos que já tinham atingido o nível I, estes puderam jogar hóquei em patins, uma forma mais estimulante para os alunos e que na mesma trabalha todas as componentes descritas nas aprendizagens essenciais, de uma forma não pensada pelos alunos e mais lúdica.

No badminton foi usada a estratégia de jogo 1x1 e teve como objetivo aferir se os alunos conseguem ou não atingir o nível E ou o nível I.

No futebol, andebol, voleibol e basquetebol foram realizados jogos (situações de jogo) de forma a aferir o nível dos alunos de uma forma mais formal, bem como no caso de encontrar falhas, estas serem possíveis de na última unidade de ensino serem corrigidas.

Na dança foi usada a estratégia de os alunos todos juntos, verem e absorverem a coreografia e depois em pequenos grupos desenvolverem a mesma, de forma a que assim mais concentrados na tarefa conseguissem interpretar a coreografia.

No atletismo passámos por todas as aulas de E1 nesta primeira unidade de ensino de forma a aferir e confirmar o nível dos alunos. Em todas as aulas foi abordado uma modalidade diferente.

NA 5ª UE foram abordadas as matérias de voleibol; ginástica de aparelhos; ginástica de solo; patinagem; dança; futebol; basquetebol e atletismo. Foram lecionadas 8 aulas, num espaço de 4 semanas, sendo 2 em pavilhão, 3 no exterior 2 e 3 no exterior 1. Já a 6ª UE foi somente composta por 4 aulas em 2 semanas. Foi nesta unidade de ensino que foram finalizadas todas as avaliações das matérias e dos testes físicos.

Esta etapa correu bem, embora houvesse muita turbulência, devido aos alunos quererem a todo o custo limar todas as pontas que ainda lhes era possível, nas matérias que necessitavam para a obtenção da nota que queriam. O meu papel foi sempre bastante ativo. Deveria, no entanto, conseguir gerir melhor as avaliações, de forma a não ficar tão concentrado nisso e pouco no que resta da aula, ainda que a mesma seja intencionalmente mais autónoma. Ao nível das estratégias utilizadas, foram usadas estratégias de estilo de ensino mais divergente onde os alunos tinham mais autonomia na aprendizagem, sobretudo nas duas ginásticas. Estas surtiram efeito e devem por isso ser mantidas, procurando aperfeiçoá-las. Ao nível dos desportos coletivos, percebi que é necessário criar estratégias que permitam uma clara diferenciação do ensino, porém motivadora para todos. Foram também utilizadas estratégias na seleção dos grupos que permitiram perceber que tanto os grupos homogéneos, como os grupos heterogéneos trazem benefícios para a aprendizagem, desde que selecionados corretamente.

Ao nível do clima de aula, a turma esteve muito melhor nesta etapa, acreditando também ser fruto das estratégias utilizadas.

3.3 O valor das autoscopias e observação de aulas

O valor da reflexão é muito importante para mim, pois sou treinador de basquetebol há 12 anos, tendo estado em muito desses num alto nível nas competições de formação. Quero com isto dizer que, refletir sobre o trabalho desenvolvido é para mim não só um hábito diário e quase obsessivo, como muito importante. Refletir sobre o que fizemos, o que podíamos ter feito e o que faríamos diferente é algo que estimula o desenvolvimento individual de quem por norma tem constantemente de tomar decisões. É algo que considero prioritário desenvolver quando sou orientador de estágios na minha modalidade. Foi por isso muito natural para mim que, ainda no decorrer da 1ª aula, já a minha cabeça estivesse a borbulhar de ideias, julgamentos, cenários e assim construindo mentalmente aquilo que seria as próximas aulas. O grande problema para mim sempre foi a transcrição desses pensamentos, é algo em que sei que não sou bom, sinto que não consigo passar a mensagem da mesma maneira que a desenvolvo na minha cabeça. Por estes motivos as minhas autoscopias nunca se revelaram muito vistosas ou organizadas, embora tivesse tentado várias formas de as organizar. Contudo, o mais importante é reconhecer o enorme valor que o pensamento crítico tem, que a reflexão sobre o trabalho tem, no desenvolvimento do professor e consequentemente no planeamento e construção de aulas, potenciando assim uma melhoria no processo de ensino-aprendizagem.

Também o valor e poder das observações de aulas tem um impacto muito significativo, sobretudo num processo de estágio onde existem sempre muitas dúvidas e inseguranças. Observar sobre aquilo que colegas fazem nas suas aulas tem a capacidade de promover uma autorreflexão sobre o trabalho que nós próprios temos desenvolvido. Neste campo deram-me a possibilidade de assistir a aulas dos meus colegas do GE, aulas de outros professores do GEF e com o bónus de poderem ser aulas de ciclos diferentes, e ainda aulas de outros colegas de estágio noutra escola.

As aulas que observávamos diariamente dos nossos colegas de estágio foram aquelas que considero que mais contribuíram para o meu desenvolvimento, isto porque promoviam diretamente e diariamente reflexões e discussões dentro do GE e que por esse motivo foram de um imenso enriquecimento no meu processo de desenvolvimento individual enquanto professor. Ver outros alunos e comportamentos, ver outros exercícios e os seus pontos fortes e fracos, ver outras formas e estratégias de abordar as aulas, ver os erros e sucessos dos nossos colegas cria uma riqueza de experiência que foi francamente muito positiva. Também a oportunidade de observar as aulas de outros professores foi muito importante. Pudemos ver e observar um professor já com experiência, onde o seu planeamento e forma de agir é por consequência muito mais assertivo. As suas estratégias funcionam quase sempre de encontro ao pretendido e por isso permitiu-me, não tanto ver erros e discuti-los, mas sim ver como e quando agir com muito mais assertividade. De referir que o GEF da EBSARC foi sempre muito aberto e disponível para permitir essa troca saudável de opiniões, prestar esclarecimentos e nalguns casos até pedir a nossa (estagiários) opinião, tratando-nos sempre com respeito e como professores, o que tornou a experiência muito melhor.

3.4 Reflexão do trabalho com a turma– uma aventura cheia de aprendizagens

O ano letivo correu de forma muito positiva, tendo sido bastante importante para mim ter esta oportunidade no meu desenvolvimento enquanto professor. A experiência excedeu as expectativas.

Ao longo do ano foi possível verificar uma evolução na condução das aulas, que permitiu uma melhor dinâmica na turma. As aulas onde houve mais autonomia de aprendizagem, que começaram a partir da 3ª etapa, foram as aulas que melhores momentos de aprendizagem tiveram. Levando-me a concluir que este método é estimulante porque envolve os alunos no processo de aprendizagem e avaliação e que por consequência obtêm resultados, visto ser o momento do ano onde mais resultados foram conseguidos. Ainda sobre a condução das aulas, senti que a minha postura na mesma foi

melhorando, conseguindo um melhor posicionamento no espaço de aula, utilizando melhores feedbacks que numa fase inicial, o que também se deve ao à vontade com que me ia sentido, mas também ao conhecer melhor os meus alunos.

No processo de avaliação também houve uma evolução significativa. No fim do ano consegui ter uma tabela de avaliação formativa por aluno, onde os mesmos interagem com ela, preenchem a mesma e balizam as suas necessidades de aprendizagem por ela, o que permitiu a evolução na disciplina de muitos dos alunos. Hoje reconheço que esta área pode ser decisiva no processo ensino-aprendizagem. Na avaliação sumativa, penso que o processo de avaliação contínua foi muito positivo, porque não só, foi mais justo para os alunos, como permitiu ao professor na reta final do ano não estar sobrecarregado a avaliar tudo. Face a tudo o que foi referido, o processo de avaliação sumativa correu bem e sem problemas de maior.

Se analisarmos a tabela de avaliação inicial, podemos observar a evolução que os alunos atingiram ao longo do ano, com os resultados da avaliação sumativa final

Tabela 3: Comparação prognóstico vs resultado final

| Matérias | Prognóstico | | | Avaliação sumativa final | | |
|------------------------|------------------|-----------------------|--------------|--------------------------|-----------------------|--------------|
| | Níveis | | | Níveis | | |
| | Não introdutório | Parte do introdutório | Introdutório | Não introdutório | Parte do introdutório | Introdutório |
| Voleibol | 8 | 3 | 12 | 3 | 2 | 19 |
| Basquetebol | 8 | 6 | 9 | 2 | 7 | 15 |
| Futebol | 3 | 6 | 14 | 5 | 5 | 14 |
| Andebol | 5 | 2 | 16 | 1 | 4 | 19 |
| Ginástica de solo | 5 | 6 | 12 | 2 | 2 | 20 |
| Ginástica de aparelhos | 11 | 0 | 12 | 9 | 10 | 5 |
| Dança | 2 | 1 | 20 | 0 | 0 | 24 |
| Atletismo | 2 | 12 | 9 | 0 | 1 | 23 |
| Orientação | 0 | 3 | 20 | 0 | 3 | 20 |
| Patinagem | 7 | 9 | 7 | 18 | 1 | 5 |
| Badminton | 3 | 5 | 15 | 3 | 2 | 19 |

Numa análise do prognóstico que defini para os alunos com base na avaliação inicial, podemos ver que a maioria das matérias o objetivo foi superado ao previsto inicialmente. Por outro lado, e pelo facto de ser a primeira vez que faço um prognóstico na disciplina de educação física, e por isso a falta de experiência nesta área poderá ter afetado aquele que foi a minha previsão nalgumas áreas. No entanto, destaco a patinagem e ginástica de aparelhos, onde não foi conseguido atingir o prognóstico previsto por razões distintas. A patinagem ficou realmente longe de atingir o prognóstico, muito por falta de

experiência nesta matéria da minha parte, algo para o qual devo procurar junto de alguém especialista na área, compreender possíveis estratégias de progressão. Foi algo que inicialmente não estava no meu (plano individual de formação (PIF) mas deveria de ter sido contemplado, bem como os alunos revelarem maiores dificuldades do que as inicialmente previstas. Na verdade, quem dominava minimamente os patins conseguiu atingir o nível introdutório, quem tinha mais dificuldades precisaria claramente de mais aulas do que aquelas a que teve este ano letivo, embora eu também devo estar mais preparado nesta matéria. Quanto à ginástica de aparelhos, os alunos na sua maioria tenham ficado sem o nível introdutório, a verdade é que muitos deles estiveram bastante perto de conseguir esse mesmo nível.

Analisando disciplina a disciplina podemos concluir que:

Voleibol – Os alunos atingiram os objetivos, demonstrando a grande maioria um grande à vontade com esta matéria. Conseguiram dominar a bola, utilizando as técnicas de passe, recepção e manchete com muito à vontade, não tendo também grandes dificuldades com o jogo 2+2, este acabou até por ser desmotivante para grande parte dos alunos, passando então depois para um cariz de 2x2/3x3 ou 4x4 onde os alunos demonstraram mais motivação e conseguiam de forma mais visível expor as suas capacidades técnicas.

Basquetebol – Inicialmente aparentava ser uma matéria que poderia trazer algumas dificuldades aos alunos, no entanto e com o decorrer das aulas foi-se percebendo que os alunos tinham a capacidade para aprender as técnicas, ainda que em forma de exercício critério e com mais dificuldades em contexto de jogo. No fim podemos afirmar que a evolução da turma foi muito boa nesta matéria.

Futebol – No futebol não houve grandes mexidas quanto ao prognóstico e a avaliação final, os alunos no geral cumpriram as expetativas, tendo ainda assim existido uma evolução significativamente positiva, sobretudo nalguns alunos, tendo em conta que nos rapazes o nível introdutório já estava atingido.

Andebol – Nesta matéria os alunos evoluíram bastante bem, tendo conseguido demonstrar um domínio das técnicas do passe e recepção, do remate, do drible e da desmarcação, sendo que onde tiveram mais dificuldade foi mesmo na aplicação da amplitude ofensiva, que só no final do ano foi percebida pelos alunos.

Ginástica de solo – sendo uma das matérias prioritárias, foi dado um grande ênfase a esta matéria, tendo os alunos realizado muitas aulas sobre a mesma. Os estilos de ensino

também diversificaram, o que promoveu uma maior motivação para a prática das aulas desta matéria. Na 3ª e 4ª etapa foi utilizado uma estratégia de entregar uma ficha de avaliação formativa para que os alunos pudessem sempre que estavam nessa estação realizar os movimentos que ainda não conseguiam. Dessa forma foi possível que a grande maioria tenha terminado o ano letivo a conseguir os movimentos necessários para a aquisição do nível introdutório.

Ginástica de aparelhos- a estratégia utilizada foi igual à de ginástica de solo, no entanto, aqui existiam mais movimentos a adquirir o que limitou a aprendizagem de todos eles. Ainda por cima, na última etapa os alunos eram livres de escolher se queriam treinar a ginástica de solo ou de aparelhos, de forma a concluir o nível introdutório, o que fez com que muitos optassem pela ginástica de solo por estarem mais perto de concluir. Não esquecer que para uma classificação positiva só necessitavam de o introdutório numa destas matérias.

Dança – os alunos aprenderam as 4 danças previstas no planeamento, realizando todos a coreografia sem problemas, tendo que por vezes utilizar mais uma aula para afinar ritmos. No geral, foi uma matéria pouco atrativa para os alunos, mas que conseguiram realizar com sucesso.

Atletismo – Foi uma matéria trabalhada regularmente e que com facilidade para os alunos foi realizada com sucesso. Nas várias vertentes da disciplina, só o salto em altura demonstrou ser um problema maior para alguns alunos, muito devido a uma fraca coordenação da corrida com os apoios para o salto. No entanto todos conseguiram preencher os requisitos com sucesso.

Orientação – Foi a disciplina menos trabalhada durante o ano, sobretudo por falta de tempo. Não era uma matéria prioritária e como a grande maioria dos alunos já se encontrava no nível do introdutório, achei por bem dar prioridade a outras matérias mais decisivas para os alunos.

Patinagem – Foi uma matéria complicada de ensinar pelas dificuldades que os alunos apresentavam e por eu, enquanto professor ter também notado ao longo do ano não me sentir dotado de todo o conhecimento ao nível de estratégias de progressão nesta matéria. Deveria ter dado mais foco a esta matéria, de forma a ajudar os alunos a ganhar maior à vontade. As grandes diferenças entre quem dominava os patins, e quem tinha receio de se por em pé eram muitas, e as poucas aulas sobre esta matéria não ajudaram.

Badminton – Uma matéria que foi bem sucedida pelos alunos, ainda que tenha sido lecionada muitas vezes durante o ano letivo. A grande maioria dos alunos demonstrou ter boas capacidades de aprendizagem das técnicas sendo que a posição base foi a que mais trabalho deu a ensinar, mas que foi conseguida e interpretada pelos alunos.

Quanto às matérias prioritárias (basquetebol, andebol, ginástica de solo, atletismo e badminton) todas elas tiveram uma evolução significativa de aprendizagens, o que acabou por se demonstrar essencial, para que os alunos conseguissem passar de ano nesta disciplina, o que revela que foram bem escolhidas.

Na área dos conhecimentos, os alunos concluíram o ano letivo com os conhecimentos necessários. Foram realizados 2 testes escritos sobre a matéria que o GEF tinha definido para o 9º ano, os mesmos englobavam os fatores de saúde e risco associados à prática das atividades físicas, lesões, diversidade das atividades físicas, desporto de competição / Desporto de lazer, distinção entre Educação Física e Desporto. Esta área foi abordada de forma pontual durante o ano letivo, antes de se iniciar a atividade física. Foi abordada com mais precisão nas 2 aulas que antecediam o teste, sendo depois foi disponibilizado aos alunos um documento que continha a matéria para eles poderem estudar

Sobre a aptidão física, os alunos dominaram os mínimos, em grande parte por uma maioria deles ser atleta. Ainda que sinta que poderia ter desenvolvido mais esta matéria nas aulas, os mínimos foram atingidos, o que se revelou suficiente, tendo em conta a quantidade de matérias a desenvolver. Resumindo em todas as unidades de ensino passávamos pela aptidão física, mas em virtude dos alunos já a dominarem dei pouco ênfase à mesma.

Em resumo, é claro que houve muitas falhas visto ser o primeiro ano enquanto professor de educação física, sendo esse mesmo o propósito do estágio. Muitas coisas a melhorar no planeamento, para que seja possível uma melhor abordagem a todas as matérias e conseguir chegar aos pontos-chave de cada uma das matérias. No geral a turma conseguiu ainda assim apresentar uma boa evolução, o que me deixou satisfeito. Assim, posso afirmar que o ano em aprendizagem de matérias foi bem conseguido e positivo, devendo ainda assim procurar numa próxima vez, organizar ainda melhor a distribuição de aulas no planeamento e procurar colmatar as minhas falhas nas matérias em que ainda estou menos à vontade, procurando estudar mais as mesmas ou pedir auxílio a quem seja mais especialista nessa área.

Durante o ano foram utilizadas várias estratégias de forma a otimizar a aprendizagem dos alunos. Os estilos de ensino dividem-se em dois grandes grupos, o grupo da capacidade humana para a reprodução através da memória e o grupo que envolve o desenvolvimento do pensamento através de uma descoberta (Mosston & Ashworth, 2008). No início do ano foram utilizadas mais estratégias de estilo de ensino mais por comando e tarefa, o que permitia assegurar que os alunos realizavam a mesma com controlo da minha parte. No entanto e com o decorrer do ano foram utilizados estilos de ensino que permitiam ao aluno trabalhar de forma autónoma, quer sozinho ou pares de forma a se sentir interligado com o processo de aprendizagem, deixando também a responsabilidade do lado dele e permitindo assim uma conexão entre o que era necessário o aluno aprender e as tarefas e motivações do aluno para aprender. Nas matérias de desportos coletivos foram essencialmente utilizada a estratégia de descoberta guiada, permitindo aos alunos (com orientação do professor) a aprendizagem de forma mais autónoma e individual, cada um com o seu ritmo, por outro lado, nas ginásticas as estratégias foram um misto de programa individual e iniciativa do aluno, fazendo assim com que os alunos tomassem consciência do seu nível atual, procurando assim eles próprios planear o que queriam trabalhar em cada aula dessa matéria. Analisando o decorrer destas experiências realizadas ao longo do ano letivo, posso assegurar que a que mais impacto positivo teve foi mesmo a estratégia utilizada nas ginásticas, porque permitiu aos alunos envolverem-se e isso deu-lhes mais responsabilidade e vontade de participação nas aulas. A minha reflexão sobre este tema, permite-me concluir que cada matéria deve ser olhada de maneira diferente, bem como cada turma terá as suas próprias características e por isso os estilos de ensino terão de ser sempre adaptados aos momentos e necessidades dos alunos, não devendo ser sempre o mesmo por definição.

4. Para lá da educação física – A experiência

Um dos muitos pontos positivos que este estágio oferece aos professores estagiários é a oportunidade que os mesmos têm de viver as várias experiências e tarefas que estão destinadas, quando entrarem na profissionalização. Estas 3 experiências que destaco, vão muito para além do planeamento, processo ensino-aprendizagem e consequente condução das aulas e ainda a respetiva avaliação. Foram na verdade, uma consciencialização da vida do professor em todas as dimensões que lhe são inerentes. Assim, no âmbito deste estágio, foi possibilitado acompanhar o diretor de turma, acompanhar uma equipa de desporto escolar e ainda a oportunidade de lecionar a todos os ciclos que compõem a escolaridade portuguesa.

4.1 A educação física do 1º ciclo ao ensino secundário

Enquanto estagiários tivemos a oportunidade de durante 1 semana lecionar para além da nossa turma, outras turmas, de ciclos diferentes, fazendo assim uma simulação de um horário completo de professor. Juntando a isto, houve também a oportunidade de lecionar a uma turma de 1º ciclo.

A minha semana a tempo inteiro realizou-se na semana de 28/03 a 01/04 e foi dividida entre a EBSARC (3º ciclo e secundário) e por uma outra escola do agrupamento, a Escola Básica João Gonçalves Zarco (EBJGZ) (1º e 2º ciclo).

Começando por ordem decrescente de graus de ensino, a experiência de lecionação ao ensino secundário foi muito interessante. Lecionei a uma turma de 12º, sendo esta uma realidade completamente diferente. O empenho é enorme, e a maturidade e responsabilidade fazem a aula fluir muito bem. Fiquei bastante impressionado, embora não me tenha sentido tão à vontade com os alunos, talvez por serem mais adultos. O Planeamento foi um desafio, visto estarmos a falar da última etapa do ensino da educação física, pois não só foi necessário recorrer ao auxílio da professora da turma, bem como a uma consulta mais profunda e detalhada dos programas nacionais de educação física (PNEF).

As aulas ao 3º ciclo, contemplavam naturalmente a minha turma (9ºano), mas também a oportunidade de lecionar a uma turma de 7º ano. Aqui, foi discutido com o professor da turma o planeamento bem como as necessidades de aprendizagem dos alunos, para permitir que eu estivesse o mais bem preparado para as aulas. As aulas correram bem, a turma foi participativa, e o professor permitiu uma reflexão final comigo, o que me levantou algumas questões de logística de aula, mas também permitiu justificar algumas tomadas de decisão.

No 2º ciclo lecionei a uma turma do 5º ano. A abordagem para este planeamento foi diferente, pois a professora da turma apenas indicou as matérias que queria que eu incluísse no planeamento. Isso trouxe acrescidos desafios, uma vez que não tendo o conhecimento do nível da turma, não foi fácil planear a aula. O planeamento acabou por ser o adequado, no entanto e como já estava avisado pelo professor responsável, a turma não foi fácil de lidar. Uma turma complicada ao nível do comportamento que tornou as 2 aulas que lhes lecionei um verdadeiro desafio para mim.

A aula ao 1º ciclo, que não estava associada à semana de tempo inteiro, mas que houve a possibilidade de a incluir na mesma semana, revelou-se não ser um desafio tão

impactante como os outros ciclos. Isto porque estando eu a lecionar atividades de enriquecimento curricular (aecs) na vertente da educação física e expressão motora à 7 anos, curiosamente na mesma escola, o contexto, o conhecimento dos alunos e espaço facilitou-me a preparação da mesma, bem como a leção da aula. Contudo, não deixou de ser uma experiência interessante e diferente.

Esta semana, para além de exaustiva, foi muito gratificante. Ter em processo de estágio a possibilidade de conviver com os diversos ciclos de ensino, é algo que ajuda e muito o professor estagiário a ter uma visão ampla do que é a educação física em toda a linha. Daquilo que pude experienciar é muito diferente, pois em primeiro lugar os alunos, que conforme o ciclo de ensino, apresentam inúmeras características diferentes, desde a maturidade e disponibilidade para a aprendizagem, como as competências físicas dos alunos. Por outro lado, permitiu-me perceber que estava demasiado focado naquilo que eram as orientações do Programa Nacional de educação física (PNEF) sobre o 9º ano de escolaridade. Creio que no futuro independentemente do ciclo ou ano de escolaridade que leccione, devo ter um domínio muito maior daquilo que são as orientações do PNEF, fazendo com que seja um professor muito mais completo e entrosado com toda a educação física. Outro dos benefícios que esta semana trouxe, foi a capacidade de ter de planear em diferentes contextos. Ao não conhecer a turma e o seu nível, tendo unicamente como ponto de partida as modalidades, tive que preparar os vários níveis de progressão das diferentes matérias, preparando-me assim para todos os cenários. Creio que este desafio tornou-me melhor preparado enquanto professor. Por fim destaco os diferentes contactos com os vários professores, que foram sempre muito disponíveis para debater, conversar e refletir sobre o trabalho desenvolvido. Lembro-me de ter saído de uma dessas conversas, com o professor do 7º ano, com todo um mundo de possibilidades novo, tal foi a troca de ideias. Creio que num futuro, enquanto professor, devo promover bastante estes debates, procurar promover contextos de troca de opiniões, essencialmente entre professores de ciclos diferentes, para dessa forma uniformizar não só o trabalho dos diferentes ciclos, bem como possibilitar a constante aprendizagem com os colegas de profissão.

4.2 Desporto Escolar

A finalidade do desporto escolar não é a mesma de o desporto federativo, nem devem ser orientados pelos mesmos princípios. No desporto escolar deve-se destacar uma prática educativa e o treino de melhoria de habilidades ao invés de uma especialização precoce (Leite et al., 2013). Por esse motivo, é importante que as atividades físicas desportivas extracurriculares, como é o caso do desporto escolar se rejam por um ideal

pedagógico de forma a desenvolver hábitos saudáveis e aprendizagem desportiva, para que assim exista impacto positivo no desenvolvimento dos jovens que as praticam (Lobo-de Diego et al., 2023).

Embora o desporto escolar seja uma aproximação ao desporto federado, tendo treinos programados e um quadro competitivo, o mesmo deve ter como princípio acolher todos os alunos que o queiram praticar, envolver todos no processo de aprendizagem e competição. Sendo assim, um processo que pode surgir como ponte entre a escola e o desporto federado. Até porque devemos ter em consideração que o desporto escolar tem um enorme valor educativo porque é na escola que se encontram todos os jovens, onde existem recursos materiais que potenciam a prática dos vários desportos e onde existem profissionais qualificados para uma boa promoção da prática desportiva (SPEF et al., 2017).

Partindo deste princípio, de que o desporto escolar deve ser inclusivo a todos os alunos que o queiram praticar, pode este também ser um pilar importante de promoção da atividade física e conseqüente promoção da saúde nos jovens alunos de todo o país. Até porque é possível também verificar que existe uma relação positiva entre a prática de desporto escolar com um estilo de vida mais ativo, seja por intermédio da prática desportiva em clubes ou simplesmente por lazer, por contraste com quem não participa no desporto escolar (Porfírio et al., 2012).

O Desporto Escolar no Agrupamento de Escolas de Santa Catarina no ano letivo 2021/2022 era composto por 10 núcleos, constituídos por 8 modalidades diferentes, tendo assim uma oferta muito diversificada para os alunos. Essa oferta foi composta pelas modalidades de voleibol, basquetebol, atletismo, rugby, canoagem, golf, ténis de mesa, badminton, natação.

Relativamente aos locais dos treinos, os mesmos ocorreram na Escola Básica e Secundária EBSARC, a EBJGZ, a pista de canoagem do Jamor e complexo de piscinas do Jamor.

Tive a oportunidade de colaborar com o núcleo de desporto escolar de basquetebol, no escalão de infantis B mistos, com o professor responsável pelo grupo-equipa e por isso o responsável por este núcleo. Os treinos realizavam-se na escola EBJGZ, na 3ªF e 6ªF. Na terça-feira os treinos eram divididos por 2 blocos, sendo o 1º das 12h30 às 13h15 e o 2º bloco das 13h30 às 14h15. No primeiro bloco participaram maioritariamente alunos do 6º ano, no 2º bloco, e tal como nas aulas de 6ª feira, participaram os alunos do 5º ano e do

4º ano. Isto deveu-se ao desencontro dos horários escolares dos alunos, que limita a participação de alguns alunos em todos os horários.

Este núcleo de desporto escolar terminou o ano letivo com 32 alunos inscritos. Na primeira aula estiveram presentes 10 alunos, não sendo usada nenhuma estratégia de recrutamento a não ser o passa a palavra entre alunos. Os alunos representavam o 1º ciclo e 2º ciclo, sendo o grupo composto por 4 alunos do 6º ano, 2 alunos do 4º ano e os restantes alunos do 5º ano. De referir ainda que nestes 32, contamos com 9 raparigas e 23 rapazes.

Mesmo com a variação das idades, o nível dos alunos era muito semelhante e ao mesmo tempo muito variado. É muito semelhante porque, nunca nenhum deles jogou basquetebol e por isso o domínio das técnicas e a compreensão do espaço e dos momentos do jogo é inexistente. É muito variado porque alguns deles possuíam características físicas muito diferentes de outros, alguns deles tinha as capacidades coordenativas e de manejo da bola muito mais evoluída que outros. É por isso natural que a evolução e capacidade de jogar o jogo fosse variando de jovem para jovem. De referir que não foi a idade ou género que influenciou estas condicionantes, pois os atletas mais altos até eram raparigas e por exemplo os alunos do 4º ano eram fisicamente mais evoluídos que os do 5º ano.

Devido a estes constrangimentos de horários de treino e a sua disponibilidade, muitos dos alunos só conseguiam participar num bloco de 45 minutos por semana o que previsivelmente demonstrou algumas complicações no modelo de treino e no processo ensino-aprendizagem. Assim, os treinos do 1º bloco de 3ª- feira tiveram um planeamento similar ao treino que se realizaria no bloco a seguir, devido à grande maioria dos alunos mudar de um bloco para o outro.

O planeamento dividiu-se em 3 etapas. Na 1ª etapa, o período temporal foi maior devido à indefinição do calendário competitivo e aos constrangimentos da covid-19. Este foi então foi um período de cativação de jovens para o desporto escolar, bem como de realizar uma avaliação inicial detalhada, avaliando as reais capacidades dos alunos em diferentes contextos. Foi possível também neste período desenvolver algumas competências da modalidade.

A 2ª etapa, é uma etapa onde a aprendizagem e desenvolvimento de conceitos básicos do jogo foi maior. Foi uma etapa onde a componente competitiva esteve muito mais presente, sendo que já existia um trabalho prévio que permitiu avançar com o

desenvolvimento dos alunos. Esta etapa coincidiu com o período competitivo do desporto escolar neste ano letivo. Os objetivos desta etapa foram concluídos com sucesso, tendo os alunos competido, desenvolvido as suas capacidades técnicas e táticas com maior êxito, e ganhando com isso tudo uma maior ligação positiva à modalidade.

A 3ª etapa, foi uma etapa de consolidação dos objetivos definidos, mas também do ensino de componentes mais avançadas, obviamente dentro do nível a que os alunos conseguiram chegar. Foi uma etapa onde existiu um maior e mais evidente aperfeiçoar das componentes já desenvolvidas, contextualizando cada vez mais em situação de jogo.

Os objetivos gerais que o planeamento determinava, foi a captação de alunos para o núcleo de desporto escolar; realizar uma avaliação inicial das suas capacidades; dotar os alunos das capacidades técnicas e táticas fundamentais do jogo (realizar o lançamento na passada do lado direito, realizar o lançamento na passada do lado esquerdo, lançamento em suspensão driblar com a mão direita, driblar com a mão esquerda, desmarcação, ocupação dos espaços, tomada de decisão, coordenação das ações técnicas).

Nos aspetos técnicos, os alunos demonstraram demasiadas dificuldade, sobretudo na realização da entrada na passada, em coordenar os 2 apoios com a pega da bola, colocar os apoios corretos, e lançar a bola à tabela. No lançamento em suspensão, a maioria dos alunos não realizavam dois aspetos fundamentais desta técnica, que passa por realizar o trabalho de pulso no momento de largar a bola e o de esticar o braço. Quanto aos passes, apresentaram também dificuldade técnicas, demonstrando ainda mais dificuldades na execução em movimento, quer do jogador que passa a bola, quer do jogador que recebe a bola. No drible também muitas dificuldades para usar as 2 mãos, e ainda mais se pedirmos que driblem sem olhar para a bola.

Nos aspetos táticos, os alunos revelaram uma fraca compreensão da ocupação de espaços, andando todos atrás da bola ao mesmo tempo. Na desmarcação também havia muitas dificuldades, querendo sempre receber a bola parados e na maioria das vezes com o defesa à frente.

Nos aspetos físicos, a maior preocupação é a coordenação. Os alunos tinham dificuldades em coordenar dois apoios, sobretudo variando os lados, e conjugando com a pega da bola e lançamento.

As estratégias utilizadas foram variadas entre o comando e tarefa, bem como pela descoberta guiada. Ou seja, sempre que era necessário um ensino mais objetivo das

técnicas, eram utilizados exercícios mais analíticos, por outro lado, o treino começava sempre com exercícios mais lúdicos e que levavam a uma aprendizagem em estilo de descoberta guiada. A minha reflexão leva-me a crer que estes estilos de ensino foram corretamente usados, e creio que esta assertividade pode ter vindo da minha experiência enquanto treinador.

No final do ano, realizou-se uma avaliação geral da aquisição das competências dos alunos, e de forma global, estes foram os resultados:

Tabela 4: Avaliação global de competências no DE

| Objetivos de aprendizagem | Critério de sucesso | Avaliação final - global |
|---|--|---|
| Realizar o lançamento na passada do lado direito | Realizar um lançamento na passada do lado direito, realizando os apoios de forma correta (direito-esquerdo), levantando o joelho no último apoio, lançando à tabela, sem qualquer oposição Realizar esta ação técnica com oposição em exercícios que o permitam ou em contexto de jogo. | A turma consegue realizar o lançamento na passada do lado direito, usando corretamente os apoios e a mão respetiva, utilizando esta técnica em contexto de jogo de forma regular. |
| Realizar o lançamento na passada do lado esquerdo | Realizar um lançamento na passada do lado direito, realizando os apoios de forma correta (Esquerdo-direito), levantando o joelho no último apoio, lançando à tabela, sem qualquer oposição Realizar esta ação técnica com oposição em exercícios que o permitam ou em contexto de jogo. | Parte da turma consegue realizar o lançamento na passada do lado esquerdo, usando corretamente os apoios e a mão respetiva, tendo dificuldades em utilizar esta técnica em contexto de jogo de forma regular. |
| Lançamento em suspensão | Realizar o lançamento em salto, deixando utilizando o movimento de pulso no momento de largar a bola e deixando o braço esticado. | A turma consegue realizar o lançamento em suspensão, cumprindo os critérios de êxito de forma global e utilizando esta técnica em contexto de jogo de forma regular |
| Driblar com a mão direita | Driblar com a mão direita quando se desloca para o seu lado direito, fazendo-o sem olhar para a bola. | A turma consegue de forma eficaz e com qualidade técnica utilizar o drible do lado direito, sem nenhum problema |
| Driblar com a mão esquerda | Driblar com a mão esquerda quando se desloca para o seu lado esquerdo, fazendo-o sem olhar para a bola. | A turma consegue utilizar o drible do lado esquerdo, ainda que demonstrem alguns alunos com dificuldade. |

| | | |
|--------------------------------|--|---|
| Desmarcação | Garantir uma linha de passe, realizando movimentos que permitam fugir do defesa, nomeadamente o passe e corte. | Todos os alunos compreendem o conceito de desmarcar, nomeadamente o passe e corte, contribuindo assim para a dinâmica de jogo fluida. |
| Ocupação dos espaços | Ocupar os espaços do campo sem estarem em cima da bola, dando espaço ao jogador com bola para realizar uma ação técnica. | Parte da turma compreende este conceito, outra parte ainda não compreende o que fazer sem bola e que zona ocupar após a desmarcação. |
| Tomada de decisão | Decidir em contexto de jogo: <ul style="list-style-type: none"> • Se não tem defesa à frente realizar uma entrada na passada; • Se o defesa dá espaço, lançar ao cesto; • Se tem um colega em melhor situação de finalizar, passar a bola. | A turma no geral cumpre bem este critério, tomando boas decisões. Alguns alunos ainda precisam de desenvolver este critério. |
| Coordenação das ações técnicas | Conseguir coordenar o corpo nas ações técnicas fundamentais do jogo: <ul style="list-style-type: none"> • Correr a olhar para a bola; • Coordenar os apoios na entrada na passada; • Equilíbrio com a bola nas mãos quer no arranque, receção de bola ou passe. | A turma evoluiu significativamente neste critério. |

A experiência de acompanhar um núcleo de desporto escolar foi muito enriquecedora no processo de formação de um professor de educação física, não só porque será uma das funções a desempenhar na atividade profissional, bem como é uma área que permite o desenvolvimento do mesmo num contexto escolar competitivo. Enriquecedora porque fez-me trabalhar com uma faixa etária com a qual eu já não trabalhava à muito tempo, o que me desafiou pessoalmente, e juntando a isso os tempos de treino, bem como as instalações terem-me obrigado a adaptar-me e a refletir ainda mais, quando planeava a sessão de treino. O trabalho realizado com estes jovens foi muito positivo, tendo existido uma grande e clara evolução em todos eles e sobretudo terem desenvolvido um gosto pela modalidade, o que fez com que procurassem um clube federado para jogar, ou mesmo que passassem os intervalos nos campos de basquetebol da escola.

4.3 Direção de turma

O diretor de turma tem como papel-chave ser um mediador e intermediário com o objetivo de aproximar a relação entre alunos, professores da turma e encarregados de educação de uma forma eficiente, bem como agilizar as tarefas organizativas e administrativas (Santos, 2016). Embora um diretor de turma deva dominar várias competências para um bom desempenho da sua função como elo de ligação aos vários intervenientes, destaca-se claramente o papel privilegiado que o mesmo tem como pilar para os demais intervenientes na vida escolar (Carvalho, 2011). O diretor de turma deve ser carismático e por isso aceite pela comunidade que lidera, de forma a atingir o sucesso da ação pedagógica que irá executar, indo muito além das tarefas burocráticas (Clemente & Mendes, 2013)

O diretor de turma assume um papel de destaque na turma por fazer a ligação a todas as áreas e intervenientes que envolvem a turma. É responsável pelo acompanhamento dos alunos, percebendo e acompanhando as suas realidades, tentando resolver problemas que lhes surjam, mas também de resolver os problemas que estes tenham na comunidade escolar. É também o responsável pela ligação escola-encarregados de educação, mantendo os mesmos informados sobre os seus educandos. É ainda um mediador dos restantes professores da turma com a mesma.

O diretor de turma é, portanto, um elemento-chave na comunidade educativa, visto que a sua ação desenvolve-se com todos os que nela estão envolvidos, sejam eles alunos, professores, pais, funcionários e estruturas de orientação educativa.

O Diretor de Turma é designado pelo Diretor, de entre os professores da turma, tendo em conta a sua competência pedagógica e capacidade de relacionamento, sempre que possível pertencente ao quadro do Agrupamento de Escolas. No caso de impedimento do Diretor de Turma de exercer as suas funções, o Diretor nomeia um substituto de entre os professores da turma. (Artigo 82º, do regulamento interno escola básica e secundária Amélia Rey Colaço, 2019/2023)

Destaco também competências, entre muitas, que considero de maior relevo, que estão definidas no (Artigo 82º, do regulamento interno escola básica e secundária Amélia Rey Colaço, 2019/2023)

- a) Presidir às reuniões do Conselho de Turma, exceto às de carácter disciplinar;
- b) Promover junto do Conselho de Turma a realização de ações conducentes à transversalidade e aplicação do Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas;

- c) Promover a elaboração e coordenar a execução do Plano de Trabalho da turma;
- d) Convocar o Conselho de Turma para sessões de trabalho, sempre que razões específicas o imponham;
- e) Zelar pela aplicação das estratégias educativas aprovadas pelo Conselho de Turma, designadamente em relação a certos alunos;
- f) Promover projetos de coordenação interdisciplinar;
- (...)
- h) Promover um clima educativo positivo e resolver as situações que perturbem o adequado funcionamento das atividades educativas;
- i) Detetar os casos de alunos que requeiram acompanhamento específico nos domínios pedagógicos, psicológicos ou da Ação Social Escolar e promover o encaminhamento adequado;
- (...)
- o) Recolher e registar dados e informações relativos aos alunos e suas famílias, salvaguardando sempre o direito à privacidade individual e familiar dos alunos;
- (...)
- t) Informar os Encarregados de Educação sobre assuntos respeitantes aos seus educandos, sempre que se justifique;
- (...).

O diretor de turma, assumindo um papel de grande relevo na vida escolar dos alunos, deve ter uma personalidade que seja coerente com a função que desempenha. Devendo ter um cuidado e preocupação com os seus alunos, uma boa capacidade comunicativa e de negociação e essencialmente que tenha bons *skills* de liderança.

Perante estas competências, resume-se que o diretor de turma deve conhecer e dar a conhecer aos outros professores as características dos alunos, encontrar estratégias para o bom funcionamento do ano letivo nas diferentes disciplinas bem como procurar o sucesso escolar dos mesmos. O diretor de turma é responsável pelas reuniões de conselho de turma, onde os professores dessa turma reúnem-se, explicam problemas e debatem estratégias. Quanto à área de intervenção com os encarregados de educação, compete ao diretor de turma informar os encarregados de educação sobre o desempenho do seu

educando na escola, sejam o caso das faltas, processos disciplinares, medidas corretivas, bem como o rendimento acadêmico dos alunos. Deve para isso organizar reuniões com os mesmos para ouvir os problemas que os encarregados de educação possam querer debater, informar sobre os procedimentos que a escola e concretamente a turma adotam, e estabelecer uma relação positiva sempre que possível, de forma a criar um eixo de comunicação que consiga corresponder aos desafios propostos.

A minha reflexão sobre esta experiência levou-me a acreditar que a relação com os alunos é um dos eixos mais visíveis do diretor de turma. Deve o diretor de turma conhecer o melhor possível os seus alunos, para isso deve consultar os seus processos de forma a identificar vários fatores de risco, sejam eles necessidades educativas especiais, perceber o comportamento anterior dos alunos e até consultar as notas anteriores de forma a poder prever o sucesso/insucesso escolar e dessa forma tentar encontrar estratégias que ajudem os seus alunos. Deve ainda fazer a caracterização da turma, usando todas as ferramentas que tiver disponíveis, como os dados na plataforma inovar, informações que os alunos tenham preenchidos na ficha individual e consultar os processos individuais dos mesmos. Deve também o diretor de turma ter uma relação o mais saudável possível com os seus alunos, não obstante ser ele o responsável pela aplicação de medidas corretivas dos alunos e de resolver problemas mais sensíveis que possam surgir, sendo esta a área de intervenção mais visível pois o diretor de turma e o aluno encontram-se pelo menos 2 vezes por semana em sala de aula.

Assim podemos compreender que o diretor de turma é um intermediário entre os professores, os alunos e os encarregados de educação, sendo ele o responsável pela relação entre estes três eixos. Deve ser uma pessoa comunicativa e atenta aos problemas que possam surgir, deve liderar o conselho de turma, conseguindo passar e recolher toda a informação pertinente ao bom funcionamento da turma e encontrar estratégias de resolução desses mesmos problemas, mantendo os encarregados de educação informados e os alunos conscientes de todos os problemas que surjam.

A minha experiência no acompanhamento do diretor de turma no ano de estágio foi muito gratificante a várias medidas. Em primeiro lugar, a minha perspetiva do diretor de turma resumia-se à opinião que foi construída durante a minha vida de estudante, algo que mudou radicalmente após passar por esta experiência. Nesta área foi possível perceber o trabalho de bastidores de um diretor de turma, desde as coisas mais básicas, como a justificação de faltas, falar com outros professores para compreender os problemas da turma, até coisas mais profundas, como falar com encarregados de educação, alertando

para problemas existentes com os seus educandos, resolver problemas pessoais dos alunos, falando com os mesmos. No entanto, o que mais destaque, foi a preparação das reuniões e as mesmas. Foi uma grande aprendizagem nesta área, onde percebi como organizar uma reunião, como conduzi-la e como elaborar a ata. Esta era uma área que estava completamente a zeros e que sai muito melhor preparado para num futuro assumir uma direção de turma.

Na área de intervenção com os outros professores, foi realizado um conselho de turma mensal onde foram discutidos alguns dos problemas que a turma apresenta, seja ao nível do comportamento, como em alunos que sistematicamente chegam atrasados, ou até mesmo quais os alunos com necessidades educativas especiais, para desta forma se tentar encontrar estratégias para combater os problemas que não correm tão bem.

Na relação com os encarregados de educação, foi feita uma reunião no início do ano letivo, com o intuito de todos se apresentarem. Foram esclarecidas as regras e procedimentos para o decorrer do ano letivo, bem como escutar os problemas que os encarregados de educação queriam resolver, e assim, desta forma promover um bom funcionamento de comunicação entre ambos. Foi ainda estabelecido um tempo semanal para receção aos encarregados de educação, sendo esse tempo a 6^ª das 10H10 às 10H55.

Com os alunos, no início do ano foi feita uma reunião de receção aos mesmos de forma a todos se apresentarem e passar a informação necessária para o ano letivo, no entanto foram resolvidos diversos problemas durante o ano, tendo a diretora de turma privilegiado a sua resolução em contexto de aula, mas também expondo-os sempre ao conselho de turma. Da minha parte, e limitando-me às minhas funções, tentei sempre através de um clima muito positivo e saudável com os alunos, ajudá-los a resolver os problemas, aconselhando-os em diversos temas e procurando ouvir as suas angústias/problemas.

O trabalho de diretor de turma, pode ser muito complexo, exaustivo, burocrático e pesado para aquilo que já é a vida normal de um professor, no entanto pode ser muito prazeroso. A oportunidade de puder ajudar os alunos, e no fundo o privilégio de participar e ajudar a gerir da melhor forma a vida de uma turma e criando dessa forma um ambiente positivo e facilitador para todos. Foi isso que como auxiliar da diretora de turma tentei fazer, sabendo que a inexperiência se notou por muitas vezes, acreditando que a motivação que tinha em ajudar os alunos foi importante nesse processo. Se num futuro enquanto profissional, tiver a oportunidade de ser diretor de turma, levo uma boa bagagem com esta

experiência. Tentarei construir pontes entre todos os intervenientes, criando um ambiente o mais saudável possível, procurando ajudar os alunos, criando estratégias de intervenção se necessário, comunicando ativamente com os professores da turma, estando e mostrando estar sempre disponível para procurar resolver qualquer problema que apareça.

5. Professor ativo na escola – a oportunidade

5.1 Unidade de apoio ao alto rendimento na escola (UAARE)

O trabalho desenvolvido no apoio aos atletas de alto rendimento foi um dos desafios que a escola nos apresentou no decurso do estágio. A escola por ter uma grande proximidade geográfica com o centro de alto rendimento do Jamor, acaba por acolher muitos jovens do mesmo como alunos da escola. Tendo esta particularidade a escola abriu uma unidade dedicada ao apoio aos jovens de alto rendimento, com o propósito de auxiliar na relação escola-alto rendimento, tendo como oferta um acompanhamento da vida escolar do jovem atleta, disponibilizando-lhes explicações por parte dos professores da escola, auxílio aquando os atletas participem provas internacionais e necessitam de justificações de faltas, bem como acompanhar a matéria com aulas compensatórias, mas também um acompanhamento constante com o aluno, refletido em reuniões periódicas e regulares, de forma a auxiliar o estudante/atleta em problemáticas que a escola possa ajudar a resolver.

A minha participação nesta área foi muito extensa, mas também muito gratificante. Tive como função acompanhar 6 jovens atletas e tendo tido várias reuniões com os mesmos, nas quais pude observar e ouvir todo um conjunto de problemas que os mesmos apresentavam e que eu tentei sempre com o máximo de vontade e prazer, ajudar a resolver. A minha participação neste projeto também foi refletida num documento que se intitulava o bilhete de identidade do atleta, que visava recolher todas as informações competitivas do atleta para que a escola depois pudesse publicar no seu site.

Em resumo, esta área de intervenção, que inicialmente não estava prevista, foi para mim uma área muito prazerosa de participar. A relação com os meus alunos da unidade foi incrível, bem como com os alunos dos meus colegas, com quem também tive oportunidade de intervir. O trabalho foi desenvolvido com muito sucesso, e esta experiência fez-me refletir sobre a importância e o impacto que tem um acompanhamento por parte da escola aos atletas de alta competição. A UAARE não é exclusiva desta escola, mas creio que possam existir ainda muitos atletas que possam beneficiar deste auxílio. Digamos que esta iniciativa pode ajudar à promoção da atividade física, mostrando que a escola e o desporto podem 'andar de mão dada', devendo para isso existir mais projetos nesta área e em mais escolas.

5.2 O professor, a ciência e a escola

O estágio pedagógico define também a participação do estagiário na área científica. Para este efeito foi realizado um estudo científico que tivesse uma ação direta na escola de estágio. A realização do estudo procurou estimular nos estagiários a capacidade de aliar os conhecimentos teóricos, com o espírito crítico, de modo que, em conjunto com o GEF da escola de estágio e com os orientadores tanto da faculdade como da escola, fosse possível identificar um problema ou carência da escola em questão e utilizar as técnicas ou ferramentas necessárias entre os domínios da educação física (EF) para resolver ou suprimir ao máximo a problemática identificada.

A definição do tema do estudo teve origem numa reunião entre os estagiários de educação física e o GEF da EBSARC no ano letivo de 2021/2022. Aí foram discutidas várias possibilidades de temas a explorar, para um trabalho de investigação. Após muitos temas serem postos em cima da mesa, houve uma vontade de todos em explorar a relação da atividade desportiva com o rendimento académico, aproveitando desde logo o facto de a escola ter uma UAARE, bem como muitos atletas federados e outros tantos inscritos no desporto escolar.

Um dos objetivos que o GEF tinha, seria compreender seria se os resultados iriam apoiar ou refutar a ideia de que a aposta na prática da atividade física influenciaria os estudos, para dessa forma avaliar a possibilidade de implementação de mais atividade física na escola.

O estudo incidiu sobre os alunos do 3º ciclo da EBSARC, com uma população total de 503 alunos. Neste estudo participaram 386 alunos.

Após realizada toda a parte burocrática de consentimentos e autorizações com o diretor da escola e com os encarregados de educação, os questionários foram aplicados via Google Forms, reforçando de novo os objetivos apresentados inicialmente, e distribuídos pelos investigadores através de plataformas de comunicação digital. Foi garantida a confidencialidade das respostas, ficando salvaguardada essa referência logo no início do questionário, sublinhado que os dados recolhidos, apenas teriam a finalidade de serem tratados no âmbito deste trabalho de investigação.

No questionário foram recolhidos dados referentes à prática desportiva (se é ou não praticante) ou à ausência dela, ao número de horas semanais (horas) que os mesmos praticam, e ao tipo de prática que realizam. De acordo com a última questão, os alunos foram classificados em três categorias: alto rendimento (AR), desporto federado (DF),

desporto escolar (DE). O segundo instrumento utilizado foi a Plataforma Inovar, onde recolhemos as classificações dos alunos referentes ao 1º semestre do presente ano letivo (2021-2022), para desta forma podermos trabalhar os dados recolhidos no *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). As notas apresentadas para cada aluno vão representar uma média, tendo a variação de 1 a 5. Por fim foi solicitado aos professores de educação física os dados recolhidos na avaliação inicial do primeiro semestre que dizem respeito aos testes do FITescola®. Destes, utilizaram-se os valores dos seguintes testes: vaivém; abdominais; flexões de braços. Alunos que apresentaram 2 ou mais testes na zona saudável eram considerados do grupo Apto, e quando não cumpriam esse critério eram agregados ao grupo Não Apto.

Os dados recolhidos foram tratados no software SPSS 27.0, sendo realizada uma análise descritiva: calcularam-se as estatísticas descritivas, frequências, percentagens, médias e desvios-padrão. Foi também feita uma comparação de notas, dados do fitescola e as notas recolhidas no inovar.

A conclusão do estudo indicou que no que à relação entre a aptidão física e o rendimento académico podemos notar que, mesmo não existindo uma diferença significativa a nível estatístico essa diferença existe, isto é, na grande maioria dos alunos os que têm maior disponibilidade ao nível da aptidão física acabam por ter também um maior rendimento académico.

Estes resultados foram apresentados à comunidade escolar, e como não existiram evidências significativas que associassem a prática desportiva ao sucesso ou insucesso académico, dando a entender que estas duas áreas não estão associadas. Assim, a vontade da escola em oferecer um conjunto de possibilidades para aumentar a prática de atividade física, seria uma boa ideia e como tal o núcleo de estágio sugeriu um conjunto de propostas para a escola analisar. Sendo elas a sala de exercício (a escola dispõe de uma sala de exercício físico, equipada com materiais de ginásio.), hora de pavilhão dos alunos (a escola pode promover uma hora por dia onde disponibiliza o pavilhão, de forma gratuita.), Escola-clubes (a escola pode criar uma ligação com os clubes locais.), intervalos ativos (com atividades físicas, tais como a dança, jogos tradicionais, empréstimo de material desportivo aos alunos por parte da escola.).

5.3 O dia das modalidades na escola

O dia aberto das modalidades foi mais uma atividade que enquanto estagiários podemos desenvolver de forma a oferecer à comunidade escolar uma atividade relacionada com a atividade física e/ou desporto. Esta nossa atividade foi planeada de

forma a oferecer ao maior número possível de alunos e professores um contacto com 4 modalidades e onde cada atividade serviu não só para criar contacto dessa modalidade com os alunos, como para dar a oportunidade de conhecer melhor a mesma, criando desafios e estímulos diferentes em cada atividade.

Sendo nós 4 estagiários, foram então escolhidas 4 modalidades, tendo ficado definido que seriam o basquetebol, halterofilismo, futebol (feminino) e andebol. O critério de seleção destas modalidades foi a proximidade que cada um de nós, estagiários, tínhamos com as mesmas.

A atividade decorreu no dia 19/05/2022, e foi dividida em 3 blocos, com 4 turmas dentro de cada bloco, permitindo assim que 12 turmas conseguissem passar e interagir neste projeto. A premissa passava por um grupo de alunos passar 15 minutos por cada modalidade. A escolha das turmas consistia em dar prioridades às turmas que teriam aulas de educação física nessas horas, bem como às turmas que pertenciam aos professores do núcleo de estágio, e ainda por fim a uma turma do 12º ano, que demonstrou vontade em participar.

A dinamização da atividade consistia no seguinte modelo: no basquetebol, permitir uma breve explicação histórica da modalidade, destacando e dando a conhecer alguns dos jogadores mais relevantes da modalidade e de que forma eles marcaram a mesma, seguido da realização de um mini concurso *all-star* de lançamento e *skills*. No futebol, privilegiámos a vertente feminina, com a participação de uma jogadora profissional, que respondeu às dúvidas dos alunos e que realizou um mini jogo com os mesmos, mostrando assim que o desporto feminino é cada vez mais uma afirmação. No halterofilismo, a ideia seria dar a conhecer aos alunos uma modalidade alternativa, com o qual têm muito pouco contacto, trazendo treinadores especializados e que deram uma aula de 15 minutos aos alunos. No andebol, a ideia foi demonstrar uma pequena atividade, com a participação de um clube, fazendo com que os alunos percebessem qual a realidade de uma modalidade de formação e como funciona a mesma.

No meu caso, que fiquei responsável pela modalidade de basquetebol, a mesma correu bem, conseguindo despertar interesse na grande maioria dos alunos que por ali passaram.

Os objetivos foram cumpridos, no entanto, registou-se que poderia ter mais interesse com modalidades alternativas, visto que o halterofilismo foi a modalidade que mais entusiasmo trouxe aos alunos. Estas atividades são muito positivas porque

aproximam os alunos do desporto, dão a conhecer novas realidades e a oportunidade de promover a participação de mais jovens na prática de exercício físico e/ou desporto. Creio que estas atividades devem ocorrer com mais frequência, procurando a aproximação a essas modalidades menos conhecidas.

5.4 Atividades extra

Durante o período de estágio foi possibilitado a participação em algumas atividades, que sem dúvida alguma tiveram um impacto muito positivo na minha formação enquanto professor.

A primeira atividade que gostaria de partilhar, foi a oportunidade de participar na organização do corta-mato. Enquanto aluno não tinha noção da dimensão que é necessária para a organização desta prova. A envolvimento e participação de todos os professores do GEF, a logística por de trás de tudo, e o dia da prova. Começamos por ter reuniões onde o professor responsável pela organização, partilhava a ideia de onde seria feito e de como seria realizado, passando depois pela distribuição de tarefas com todos os professores. A nível de logística, e tendo em conta que ficou decidido que o corta-mato seria realizado na mata do Jamor, seria necessário as devidas autorizações, definição e marcação do percurso, questões de alimentação e água, fita divisória, baias para delimitar espaço, transporte dos alunos para o local, entre outra tarefas que pela sua complexidade surpreenderam-me.

Particpei em todas as reuniões, estive envolvido no reconhecimento do local da prova e definição do percurso, e no dia da prova, fiquei responsável não só pela montagem e preparação do espaço, bem como de um ponto específico da prova.

A prova correu muito bem, a minha tarefa específica também. Mas destaco a importância que participar nesta organização teve na minha formação como professor, por me dar a conhecer como se organiza uma prova, bem como mostrar as atividades que o GEF tem como responsabilidade durante o ano letivo.

Outra prova com um cariz praticamente idêntico em questões de organização e tarefas, foi o megasprinter. Uma prova que se divide por outras 'sub provas' que tem como ideia apurar os melhores alunos em competências específicas do atletismo. Também esta prova foi organizada no Jamor, especificamente no estádio nacional. Toda a organização teve um percurso praticamente igual à organização do corta-mato. A prova correu muito bem, e foi mais uma atividade bem-sucedida e de grande aprendizagem no processo de conhecer todos os pormenores que a profissão de professor de educação física envolve.

Foi nos dado ainda a possibilidade de realizar uma visita de estudo, que no caso foi uma ida ao *adventure park*, para uma atividade de arborismo. A atividade correu muito bem, levando a um saudável convívio com os alunos, num ambiente fora da sala de aula, num contexto divertido, desportivo e em contacto com a natureza. Atividades destas promovem a prática de atividade física, realçando o contacto com a natureza, levando-me a afirmar que sempre que possível deve ser realizada. Ter tido esta oportunidade de realizar esta tarefa com a minha turma foi muito positivo.

Por fim, a minha participação nos torneios inter-turmas, a qual foi uma participação mais discreta, em que ajudei em questões mais práticas. Não obstante, foi também um bom momento de aprendizagem. Perceber e auxiliar os professores, de modo a compreender como tudo funciona, bem como resolver os problemas que surgem e conseguir, dentro do espírito competitivo que os alunos levam para este momento, promover uma prática que respeite a ética e o fairplay.

Em suma, estas atividades extra, permitiram-me compreender melhor o papel do professor de educação física enquanto membro do GEF, dotar-me de conhecimentos que desconhecia, e que certamente necessitarei enquanto profissional, pois todas estas atividades fazem parte da agenda de todas as escolas. Creio que num futuro, envolver-me nestas atividades é um grande bónus de conhecimento e partilha, pois permite fora de um contexto de sala de aula, o convívio com os alunos e outros professores, o que acredito que reforce o espírito de equipa do GEF.

6. Conclusão

A realização deste estágio pedagógico revelou-se essencial no meu processo de aprendizagem enquanto professor de educação física. Embora já participe na formação desportiva de jovens há 12 anos como treinador, esta experiência mostrou-me que a educação física é muito mais que ensinar desportos, abrange várias áreas da escola pública que me surpreenderam pela sua importância na vida dos alunos, bem como pela sua complexidade. A realização deste relatório permitiu-me voltar ao estágio do ponto de partida, remetendo-me para memórias que me voltaram a fazer refletir sobre o meu desempenho e participação no estágio.

Creio que as quatro palavras principais que descrevem a minha ação neste estágio são planear, diagnosticar, projetar e refletir. Planear porque é essencial a um trabalho organizado e com objetivos. O ato de um professor planear significa criar estratégias de trabalho com objetivo de melhorar o processo de ensino-aprendizagem. Diagnosticar e

projetar porque um professor deve envolver uma avaliação formativa de modo a ir projetando metas, e dessa forma também beneficiar o processo de ensino-aprendizagem. Refletir porque todas as ações devem ser pensadas e projetadas, a reflexão é aquilo que nos permite avaliar o nosso desempenho, perceber de que forma podemos ir mais além e conseqüentemente tornarmo-nos melhores profissionais.

O voltar à escola para mim foi um ato muito entusiasmante, ainda mais com a feliz coincidência de voltar a uma escola onde fui aluno. Mas assim que entramos na escola e temos a primeira tarefa pela frente tudo muda, o peso da responsabilidade é grande, e a vontade de cumprir os objetivos também. Eu diria que a aventura deste ano letivo assemelhou-se muito a uma viagem de montanha-russa, onde o percurso teve altos e baixos, onde foi verdadeiramente entusiasmante e por vezes angustiante, mas no fim terminamos com a adrenalina de termos cumprido e de querermos continuar com estas aventuras.

O trabalho direto com a minha turma foi algo muito gratificante, desde o planeamento, avaliação e condução das aulas. Nesta área as dificuldades sentidas foram sendo sempre ultrapassadas, em constante evolução, com uma reflexão constante sobre as decisões tomadas e as ações praticadas. Mas devo realçar que o facto de ter o suporte do GE foi muito positivo, a entajuda que todos demonstramos, as constantes reflexões informais que tínhamos diariamente e a possibilidade de observação das aulas dos colegas tornaram o estágio muito mais rico em conhecimento e evolução individual. Creio que num futuro estarei muito mais preparado ao nível do planeamento e condução das aulas, podendo ainda desenvolver mais a componente da avaliação formativa, de modo a integrar todos no processo. Acredito também que, num futuro, sempre que existir a disponibilidade irei promover esta partilha de pensamentos e reflexões com colegas da área, de modo a enriquecer ainda mais o processo de ensino-aprendizagem.

Nas outras áreas destaco o desporto escolar, uma área que me deu imenso prazer em participar. Ter a oportunidade de estar envolvido num projeto destes foi muito gratificante. Embora eu tenha um à vontade na modalidade escolhida, os desafios foram muitos para mim, mas até aqui a reflexão constante com o professor responsável e a vontade dos alunos em apreender e participar, tornou a experiência incrível. Na área do acompanhamento da direção de turma foi a área onde senti mais dificuldades, mostrando por isso que ainda tenho muito para desenvolver nesta componente escolar. É sem dúvida uma área muito importante na vida dos alunos e por isso acresce de grandes

responsabilidades, devendo o professor dar uma importância muito significativa a esta área, embora seja por vezes demasiado burocrática e muito longe da nossa disciplina.

Todas as outras ações inerentes ao estágio foram também elas de grande valor formativo para mim, sobretudo aquelas que dizem diretamente à nossa disciplina, como o caso do corta-mato e do megasprinter. São atividades inerentes à profissão e por isso ter a oportunidade de participar na organização foi importante para perceber como funcionam e assim estar melhor preparado no futuro.

Concluo dizendo que este estágio despertou ainda mais em mim a convicção da vontade em seguir esta carreira profissional. Esta experiência contribuiu significativamente para a minha formação, mas também para afirmação de que é isto que quero fazer para o resto da minha vida profissional. Com a certeza de que a viagem de montanha-russa se iniciará todos os anos e com ela todos os seus altos e baixos, angústias e entusiasmos, mas com tudo isto a vontade de ser melhor, de ajudar os alunos e de ensinar uma disciplina que tanto gosto.

7. Referências Bibliográficas

- Agrupamento de Escolas de Santa Catarina. (2019). Regulamento Interno do Agrupamento Escolas Santa Catarina.
- Agrupamento de Escolas de Santa Catarina. (2022). Projeto Educativo do Agrupamento (2022-2026).
- Carvalho, L. (1994). Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. Boletim SPEF, n.º 10/11 Verão/Outono de 1994, pp. 135-151.
- Carvalho, C. (2011). A Escola e o Meio - O Diretor de Turma como elo privilegiado. Dissertação mestrado. Universidade de Lisboa.
- Clemente, F., Mendes, R. (2013). Perfil de Liderança do Diretor de Turma e Problemáticas Associadas. Exedrajournal, n.13.
- De Paula, S., Romero, F., Queiroz, L., Miesse, M., Silva, F., Ferreira, L., Souza, V. (2022). Avaliação na Educação Física Escolar: uma Revisão Integrativa sobre os Instrumentos avaliativos. DOI: <https://doi.org/10.17921/2447-8733.2022v23n3p448-453>
- Fernandes, D. (2007). A avaliação das aprendizagens no Sistema Educativo Português. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.33, n.3, p. 581-600, set./dez. 2007.
- Fernandes, D., Fialho, N. (2011). Práticas de Professores de Educação Física no Contexto da Avaliação Inicial numa Escola Secundária do Concelho de Lisboa. Meta: Avaliação | Rio de Janeiro, v. 3, n. 8, p.168-191, mai./ago. 2011.
- Leite, N., Borges, J., Santos, S., Sampaio, J. (2013). The relative age effect in school and federative sport in basketball. Revista de Psicología del Deporte 2013. Vol. 22, num. I, pp. 219-223.
- Lobo-de Diego, F. E.; Manrique-Arribas, J. C.; Pérez-Brunicardi, D. (2023). La función educativa del deporte escolar. Un estudio comparado en España y Portugal. Journal of Sport and Health Research. 15(2):301-318. <https://doi.org/10.58727/jshr.90703>.
- Mosston, M., & Ashworth, S. (2008). Teaching physical education.
- Porfírio, M., Marques, A., Leal, C., Carreiro da Costa, F. (2012). Desporto escolar – comparação do estilo de vida entre jovens praticantes e não praticantes de atividades de desporto escolar. Boletim SPEF n.º 36 pp.73-84.

Santos, F. (2016). O papel do diretor de turma como mediador na escola e comunidade. Universidade Fernando Pessoa, Porto. Tese de Mestrado.

Seabra, C., Silva, E., Resende, R. (2016). A prática de Ensino Supervisionada em Educação Física. *Journal of Sport Pedagogy and Research*.

SPEF, CNAPEF & COP (2017). Conclusões da Jornada de reflexão - Perspetivas futuras para o Desporto Escolar: Contributos para o projeto 2017-2021. Lisboa.

Tsangaridou, N., O' Sullivan, M. (2003). Physical Education Teachers' Theories of actions and Theories-in-Use. *Journal of teaching in physical education*. Nº. 22. Pp. 132-152.